

PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL



PRÁTICAS PARA A SALA DE AULA SELECIONADAS ENTRE
PROJETOS FINALISTAS DAS 10 EDIÇÕES DA PREMIAÇÃO

Fundação **Santillana**



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL



PRÁTICAS PARA A SALA DE AULA SELECIONADAS ENTRE
PROJETOS FINALISTAS DAS 10 EDIÇÕES DA PREMIAÇÃO

Fundação **Santillana**



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



5

**PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL
10 EDIÇÕES**

9

A IMPORTÂNCIA DE TORNAR PÚBLICA A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

21

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: ENTRE A VOCAÇÃO E A PROFISSIONALIZAÇÃO

31

PLANEJAMENTO: CURRÍCULO, CONTEXTO E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

49

DIAGNÓSTICO DOS SABERES DOS ALUNOS

63

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES

79

AValiação DA APRENDIZAGEM E DO PROCESSO EDUCATIVO

93

TRÊS PROJETOS COMPLETOS

121

AGORA É SUA VEZ

133

O OLHAR DE QUEM LEU OS RELATOS

139

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

145

**VENCEDORES DO PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL
10 EDIÇÕES**

**PRÊMIO
PROFESSORES
DO BRASIL
10 EDIÇÕES**



José Mendonça Bezerra Filho
Ministro de Estado da Educação



Prêmio Professores do Brasil, uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) em conjunto com instituições parceiras, chegou a sua 10ª edição em 2017. Para comemorar os anos de sucesso, foi organizada esta publicação, que traz experiências vividas pelos docentes vencedores.

O objetivo do prêmio é reconhecer, divulgar e premiar o trabalho de professores de escolas públicas que contribuem para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Paralelamente, sabemos que a participação é uma forma de aprimorar a prática por meio de um registro reflexivo. Para corroborar essa afirmação, foram incluídos nesta edição comentários sobre uma breve pesquisa realizada pelo MEC que trata do impacto da participação no Prêmio Professores do Brasil.

Originários de todos os estados do país e do Distrito Federal, mais de 40 mil professores enviaram relatos de prática durante mais de uma década. Para elaborar esta publicação, os autores leram os relatos vencedores com o objetivo de apresentar uma sugestão de percurso – planejamento, diagnóstico, desenvolvimento e avaliação – que pode promover boas práticas de ensino.

Da Creche ao Ensino Médio, de escolas do campo e multisseriadas a instituições localizadas em grandes centros urbanos, os professores participantes refletiram sobre seus projetos e os registraram. Por meio desses relatos, observou-se que os educadores têm diferentes formações, vivenciaram inúmeras experiências profissionais e atendem milhares de comunidades escolares com características peculiares.

Sabemos que, para promover o ensino de conteúdos escolares, é preciso considerar tanto o conteúdo como as condições de aprendizagem. Os professores têm de conhecer o processo

sócio-histórico local, a situação social, econômica e política e a cultura da comunidade em que atuam para desenvolver boas práticas em sala de aula. Assim, cada relato recebido revela uma experiência singular.

Contudo, se observarmos as práticas descritas pelos professores, podemos identificar muitos pontos comuns, pois a meta, o objetivo que se deseja alcançar, é a mesma: oferecer as melhores condições de aprendizagem possíveis a cada um dos alunos.

Esperamos que esta publicação encontre professores da Educação Básica e que eles se sintam inspirados pelos relatos e pela sugestão de percurso que encontrarão aqui.

A IMPORTÂNCIA DE TORNAR PÚBLICA A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA



Lourdes Atié
Socióloga e educadora, autora da pesquisa sobre o
Prêmio Professores do Brasil do Ministério da Educação

Este ano, o Ministério da Educação (MEC) realizou um estudo sobre o Prêmio Professores do Brasil com o objetivo de avaliar o impacto que ele gera na vida profissional dos professores participantes. Foram aplicados questionários aos finalistas regionais e realizadas entrevistas com os vencedores nacionais da edição de 2015.

Visando ampliar a reflexão em torno dos resultados alcançados e melhor compreender a realidade, foram utilizados como referência teórica os estudos do professor espanhol Fernando Hernández, da Universidade de Barcelona, que tem algumas obras publicadas no Brasil.

O valor da iniciativa, embora amplamente reconhecida, exige reflexão constante para que não caia no modelo de “espetacularizar” a premiação como ação pontual, mas como oportunidade de ajudar os professores a avançar em seu fazer pedagógico. Nesse sentido, o estudo realizado procurou responder a dois questionamentos:

- Participar do Prêmio Professores do Brasil enviando relato amplia a capacidade de reflexão sobre a prática, chegando a modificá-la?
- Até que ponto a valorização profissional promovida por ter conquistado o prêmio no estado influi no percurso profissional dos vencedores?

À medida que as entrevistas e as respostas aos questionários aplicados eram analisadas, foi possível verificar a profunda sintonia entre as pesquisas de Hernández e as vivências dos vencedores entrevistados da edição 2015 do prêmio, o que permitiu confirmar o valor positivo e a alta relevância que ele tem

para os participantes como meio de formação que se origina na coragem de mostrar aquilo que é feito, na maioria das vezes, de maneira solitária, gerando avanços no percurso profissional de cada um.

Sobre os resultados alcançados

A educação brasileira segue a passos lentos no campo da melhoria, apresentando ainda hoje índices inaceitáveis de abandono escolar, alta taxa de reprovação de alunos e precárias condições para o exercício do trabalho docente. É comum apontar o professor como responsável por esse cenário, indicando apenas suas deficiências como principal causa.

De modo geral, quando têm oportunidade, os professores afirmam que se sentem sozinhos para resolver os problemas de sala de aula. Não conseguem ensinar como gostariam e se sentem desautorizados o tempo todo. As aflições que relatam evidenciam a solidão em que vivem, sem espaço para compartilhar suas angústias, pois o tempo da escola é acelerado.

No entanto, em uma sociedade em que a educação só se legitima na escola, uma vez que ainda não há no Brasil uma sociedade educadora, o professor precisa entender com clareza qual é seu papel. Tem de compreender sua função, seus limites e suas possibilidades, porque é disso que vem sua força de mudança. A partir daí, deve compartilhar em rede sua experiência, buscando canais que deem visibilidade a seu trabalho – é esse o campo para a construção da identidade profissional. Um dos caminhos para alcançar a visibilidade necessária é a participação em prêmios, pois eles quebram a inércia da desvalorização e da desqualificação.

Os prêmios que tratam da qualidade do desempenho docente permitem que o Brasil conheça experiências de sucesso. Sem eles, isso não seria possível. O Prêmio Professores do Brasil faz parte desse cenário. Comemorando 10 edições em 2017, conta com um diferencial em termos de comparação com os demais certames existentes: é um espaço de visibilidade para os docentes da rede pública de ensino, lugar onde estuda a grande maioria das crianças e jovens brasileiros e onde a mídia e os especialistas destacam mazelas, desqualificando a escola pública em detrimento da rede privada. Esse é o valor maior do Prêmio Professores do Brasil, e suas 10 edições confirmam o sucesso da iniciativa. A cada uma, milhares de relatos provam que a educação avança no país, mesmo que precise “nadar contra a maré”.

Nos resultados encontrados nos questionários e nas entrevistas, pode-se constatar a vida típica dos professores brasileiros: muito trabalho, muitos alunos, muitas turmas, pouco tempo para dar conta de tudo o que precisam fazer. Mesmo assim, estão sempre procurando alternativas para melhorar seu trabalho; não se acomodam. Embora a busca, na maioria dos casos, seja solitária, eles não desistem.

Por meio das entrevistas, é possível concluir que o motivo principal para a inscrição no Prêmio Professores do Brasil foi a certeza de ter feito um bom trabalho, com resultados significativos – a força propulsora da decisão de se inscrever veio dos indicadores satisfatórios que conseguiram com seus alunos.

Preencher os requisitos da inscrição no prêmio e escrever um relato para participar não foi fácil, indicam as respostas coletadas na pesquisa. Muitos não têm tempo ou hábito de registrar sua prática, outros o fazem de maneira aligeirada. Poucos são disciplinados nesse sentido. Uma grande maioria

se considera muito crítica sobre o que escreve. No entanto, todos entendem e valorizam o registro daquilo que realizam na escola. O ato de escrever o relato, além de exigir disciplina, lhes permitiu refletir sobre a prática desenvolvida, mesmo para aqueles com larga experiência de registro. Para outros, ofereceu a possibilidade de, com o tempo, perceber onde poderiam melhorar – e também de se surpreender com tudo o que fizeram. Constataram que a inscrição favoreceu também a reflexão sobre aspectos negativos e permitiu clarear o que poderiam fazer de maneira diferente.

As respostas indicam a importância da participação no Prêmio Professores do Brasil. Mais do que meramente se inscrever, os entrevistados apontaram que, ao relatarem o que fizeram nos itens exigidos pelo regulamento, mergulharam em uma reflexão distanciada da execução. Assim, tiveram a oportunidade de fazer uma metacognição, aprendendo com a própria experiência. Essa conquista é dada pelo prêmio.

Outro aspecto relevante é que o foco da participação não estava no âmbito individual apenas. Os professores acreditavam que, ao concorrer, poderiam mostrar a sua cidade e ao Brasil o que faziam. Essa certeza vinha acompanhada de uma cumplicidade com os alunos – declararam que eles “deram força” ou “ficaram muito felizes com a vitória”. Aqui cabe uma observação: em nenhuma das entrevistas constatou-se um discurso de vitória individual. Todos mencionaram o vínculo com os alunos, ou seja, a vitória, para os docentes, foi da turma. É um prêmio conjunto, que, para eles, tem mais valor.

O encontro dos vencedores no evento de premiação foi, para todos os entrevistados, o momento mais importante, pois permitiu conhecer colegas agraciados e trocar experiências. Ficaram encantados com todos os relatos apresentados e or-

gulhosos por fazerem parte de um grupo com experiências de alto nível. Também apontaram que esse intercâmbio gerou inspiração para novos trabalhos. Houve uma troca profícua para todos.

Valor subjetivo

A vitória no Prêmio Professores do Brasil também tem um valor subjetivo. Os docentes entrevistados afirmaram que ganharam autoconfiança, sentiram-se apreciados e passaram a dar mais valor ao que fazem. Isso também gerou maior responsabilidade profissional: afirmaram que, a partir do prêmio, precisariam se superar sempre, melhorar cada vez mais. Para isso, declararam a intenção de continuar participando dos certames da área – é o que também esperam seus alunos.

Enfim, as respostas dos vencedores do Prêmio Professores do Brasil, por meio dos questionários aplicados e das entrevistas realizadas, permitem constatar que ser um vencedor significou para todos um divisor de águas. Para a maioria, a vida mudou para melhor, tanto no âmbito pessoal como no profissional. Afirmaram que cresceram – mesmo aqueles que não obtiveram o reconhecimento externo que esperavam. Sentiram-se estimulados a estudar, criar novas experiências e desafiar ainda mais seus alunos. Nenhum pensa em desistir da profissão ou buscar outra frente de trabalho. Todos se sentem orgulhosos de ser professores.

Tal constatação possibilita pensar para além de uma edição específica do prêmio. É preciso ampliar a reflexão, aproveitar a oportunidade e questionar: o que leva o professor a romper o espaço privado da relação com seus alunos para tor-

nar sua experiência pública e transparente? O que faz desaparecer o pudor que tradicionalmente caracteriza o educador para que ele decida mostrar-se e submeter-se ao escrutínio de estranhos? Afinal, os docentes ainda resistem a compartilhar, a dar a conhecer seus afazeres cotidianos, e só o fazem em uma esfera próxima, a da reunião com colegas ou a do seminário de formação. Chama a atenção que, em razão de um prêmio, os professores, que em geral resistem a escrever sobre seu trabalho, decidam tornar públicas suas experiências mediante um processo de escrita que rompe uma inércia estabelecida.

Respaldo

A seguir, apresentamos uma síntese das reflexões do professor Hernández. Seu trabalho traz luz para o presente estudo do MEC sobre o Prêmio Professores do Brasil, uma vez que é coerente com as respostas oferecidas pelos educadores entrevistados.

Para esse autor, quando um docente toma a decisão de mostrar seu trabalho com vistas a um prêmio, é sua vontade de torná-lo público que o leva a submetê-lo ao reconhecimento, uma vez que não são os outros que elegem sua experiência como significativa ou relevante. Portanto, candidatar-se pressupõe ter a segurança pessoal de que a experiência realizada possui qualidades suficientes – originalidade, envolvimento dos alunos ou da comunidade etc. – para ser valorizada pelos demais. Tal decisão envolve um ato de confiança em si mesmo e na iniciativa desenvolvida.

Embora os prêmios ofereçam recompensas materiais, não é esse o aspecto mais relevante, segundo o pesquisador.

De fato, ninguém acha ruim um estímulo material como reconhecimento, mas ele considera que o tempo dedicado e a exposição emocional dos que decidem se submeter a uma competição implicam um esforço muito maior do que simplesmente considerar que o estímulo para alcançar o prêmio seja “o” motivo que os impulsiona a percorrer esse arriscado caminho. Portanto, quando o professor decide tornar público seu trabalho – não em uma publicação em que o conteúdo e a avaliação são mais difusos, mas em comparação com outras experiências e com a finalidade de ser avaliado por um júri –, ele inicia um processo de procura de reconhecimento que tem valor em si mesmo, porque está acompanhado de um exercício de autorização e visibilidade.

Outro aspecto relevante nas reflexões de Hernández é o caráter político que envolve o ato de se candidatar a um prêmio, já que o que está em jogo é tornar público o saber pessoal e o que é elaborado como ato público do ensino, com enfrentamentos de poder inevitáveis. O autor também afirma que, quando alguém decide tornar pública sua experiência em razão de um prêmio, independentemente da motivação que o impele, faz um resgate de sua trajetória e de sua vivência ao mostrar seu relato, com o qual está se permitindo ter voz – em oposição a que outros a deem. Esse dar-se voz como docente implica reconhecer o tom e a linguagem de um conhecimento que acontece a partir de uma experiência, de um contexto e de uma história particular, bem como aceitar que ele ou ela possui um saber articulado e elaborado sobre sua prática, seu estar no mundo, o que, por sua vez, se traduz em crenças, atitudes e práticas educacionais.

Nessa linha, o autor afirma que a possibilidade que surge ao candidatar-se a um prêmio e ao construir relatos que são

próximos de uma biografia permite compreender aquilo que o pensamento lógico formal marginaliza: a experiência humana em suas ações e intenções. Contrariamente aos enunciados factuais, as proposições abstratas da especulação teórica – como a narrativa na qual se articula a experiência que faz parte do saber do educador – aproximam-se da dimensão emotiva e complexa da vivência propriamente dita. Portanto, o relato para um prêmio é uma narrativa emancipadora para o docente e para a educação escolar, ou seja, um programa completo que deveria fazer parte da formação e das propostas de inovação e reformas da educação.

Protagonismo e impacto político

Como se constatou, a pesquisa realizada com os vencedores da edição 2015 do Prêmio Professores do Brasil comprova que a relevância da iniciativa vai muito além da promoção ou visibilidade pessoal. Ela impacta a vida profissional daqueles que se inscrevem – não pela premiação em si, mas pelo fato de que o processo de se inscrever exige uma reflexão verdadeira sobre a prática desenvolvida, promovendo o aperfeiçoamento como estratégia de capacitação. Mesmo não sendo fácil registrá-la, o prêmio é um incentivo para tanto.

A inscrição não se limita a uma ação burocrática. Ao contrário, pode-se concluir que é uma narrativa centrada na própria experiência do educador. Ao escrever, ele reflete sobre sua prática pedagógica, fazendo metacognição do vivido, o que constitui uma experiência de formação. Escrever o relato significa, ainda, preservar a memória não sobre o que se fez, mas sobre o que se viveu. O docente entende melhor a profissão,

transformando-se em autor de sua experiência. Deixa de ser um transmissor da proposta de outros, ganhando legitimidade. Além da ação formadora, há também um fato político, pois ele passa a ter voz. Isso significa criar democracia, balanceando as relações de poder.

Assim, embora sem reconhecimento social para alguns, o Prêmio Professores do Brasil é mais que isso para todos. Tem função formadora, política e identitária na profissão docente. É a visibilidade daqueles socialmente invisíveis que produz a força para seguirem aperfeiçoando-se e divulgando o valor de suas iniciativas.

No processo de participação do Prêmio Professores do Brasil, os profissionais tomam consciência de que são portadores de saber e que, ao se fortalecerem por meio do trabalho reflexivo e colaborativo, capacitam-se para lidar com as incertezas e se consolidam como aqueles que sabem e que são.

O prêmio traz ao palco aquele que todos os dias tem uma ou mais de uma plateia cativa esperando por ele. Está em suas mãos mudar o rumo da história desse público, sendo o personagem central. É o professor que tem de se sentir protagonista e com autoridade para tomar sua vida nas mãos e lutar por mudanças verdadeiras e profundas em sua prática pedagógica.

Quando se descobre finalista e depois vencedor, o professor se dá conta, pelo prestígio que conquista, de que sua experiência é um projeto apaixonante, aspecto reforçado pelo engajamento de seus alunos como coautores. Eis a chave: a escola pode ser um espaço extraordinário. Esse é o resultado mais inspirador do Prêmio Professores do Brasil.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: ENTRE A VOCAÇÃO E A PROFISSIONALIZAÇÃO



Para escrever esta publicação, foram analisados os projetos vencedores em 10 edições do Prêmio Professores do Brasil, lançado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2005. As experiências são bastante singulares, mas em todos os relatos percebe-se que os professores participantes têm um forte compromisso com o processo de ensino e de aprendizagem de cada um de seus alunos.

Em muitos dos relatos recebidos, os educadores priorizam motivá-los para a aprendizagem (e conseguem). Há também uma clara indicação de que esses profissionais são movidos por certa vocação, um desejo de tornar a sociedade mais justa e igualitária por meio da formação de crianças e jovens.

Essa percepção remete aos estudos do pesquisador canadense Maurice Tardif, que nos convida a refletir sobre o que vem ocorrendo com a carreira dos professores, principalmente a partir dos anos 1980. No texto “A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás” (TARDIF, 2013), ele observa que a evolução do ensino não é linear: na história da docência – no Ocidente, incluindo o Brasil –, é possível verificar momentos de continuidade, mas também de desvios e retrocessos. A educação não evolui no mesmo ritmo em todos os lugares do mundo e é comum encontrar o convívio de formas de ensinar antigas e contemporâneas.

De acordo com esse autor, a evolução do ensino escolar moderno passou por três idades, que correspondem a períodos históricos.

O ensino na idade da vocação (séculos 16 a 18)

Pouco antes da Revolução Francesa (1789), a Europa contava com uma vasta rede de pequenas escolas e colégios composta principalmente por estabelecimentos privados mantidos por igrejas e comunidades locais. Entendia-se o ensino como uma “profissão de fé”: homens e mulheres dedicavam-se a ensinar em tempo integral e consagravam sua vida ao ensino. Além disso, seu principal objetivo era exprimir a própria fé, torná-la pública em sua vida e por sua conduta moral como professores. Nesse contexto, o ensino era uma vocação:

TARDIF, 2013.

[...] um movimento interior – um élan íntimo, uma força subjetiva – pelo qual nos sentimos chamados a cumprir uma importante missão: ensinar, ou seja, professar sua fé religiosa junto às crianças.

O ensino na idade do ofício (séculos 19 e 20)

A partir do século 18, a educação pública na Europa tornou-se obrigatória pouco a pouco e foram majoritariamente as mulheres que passaram a se ocupar do ensino escolar.

TARDIF, 2013.

[...] é a partir da Segunda Guerra Mundial que o ensino se torna um trabalho laico, no qual as mulheres podem fazer carreira num emprego estável, com um salário decente e condições de trabalho mais igualitárias comparativamente aos homens. Como trabalho, o ensino oferece ainda às mulheres ganhos a longo termo: aposentadoria, proteção, segurança, permanência no emprego, entre outros. [...] Em contrapartida, a idade do ofício exige das mulheres um investimento inicial pesado, pois elas devem se formar.

Na maioria dos países ocidentais [...] os professores estão integrados à função pública com o estatuto de funcionário público. Esse estatuto lhes garante certa autonomia pedagógica e uma proteção contra os antigos controles externos, tais como o dos pais, dos sacerdotes ou dos notáveis. Enfim, estabelece-se uma relação de confiança entre o Estado e as professoras, pois ele lhes delega certa autoridade pedagógica e reconhece sua competência em administrar as aulas. Em princípio, as professoras são responsáveis por suas classes, pela gestão dos alunos, pelas escolhas pedagógicas relacionadas à matéria, pelas atividades de aprendizagem, pela disciplina, entre outros aspectos.

TARDIF, 2013.

O ensino na idade da profissão (século 21)

Para tratar desse tema, Tardif busca definir o conceito de profissão:

- *existência de uma base de conhecimentos científicos que sustenta e legitima os julgamentos e os atos profissionais; essa base de conhecimento é adquirida através de uma formação universitária [...]; que exige atualizações frequentes, a fim de incorporar os resultados das pesquisas mais recentes; na prática isso significa que formação contínua e aperfeiçoamento são considerados como obrigações profissionais;*
- *presença de uma corporação profissional reconhecida pelo Estado (ou por órgãos subordinados ao Estado);*
- *ética profissional orientada para o respeito aos clientes; essa ética não se reduz a grandes valores educacionais humanistas, mas concentra-se em atos profissionais específicos [...];*
- *autonomia profissional, ou seja, o reconhecimento tanto jurídico quanto social de que o profissional é o melhor indicado para decidir como deve agir;*

TARDIF, 2013.

TARDIF, 2013.

- [...] *responsabilidade profissional decorrente da autonomia: um profissional pode ser avaliado pela corporação, ou até mesmo acusado de erro profissional, pois ele é responsável por sua atividade, sobretudo pelas medidas que toma.*

Assim definida, constatamos que o que podemos chamar de idade da profissão não se limita apenas ao ensino. [...] A profissionalização está [...] intimamente ligada à universitarização, inclusive para o ensino. [...] A profissionalização do ensino representa uma tendência que atravessa todo o século 20, chegando aos dias atuais.

Uma breve análise do conjunto de relatos recebidos ao longo dos anos permite observar que a representação dos professores sobre a própria atuação junto aos alunos traz componentes da idade da vocação fortemente misturados ao ensino na idade da profissão. Essa composição híbrida faz parte da profissionalização do ensino, como aponta Tardif (2013).

Outro aspecto destacado pelo autor é o fato de ser, ainda, um grupo profissional constituído basicamente por mulheres. Como exemplo, nesta publicação há referência a 30 relatos, 26 deles escritos por professoras.

Se, por um lado, muitos docentes expressam claramente princípios vocacionais, por outro, indicam referências teóricas que embasam suas práticas e explicitam possibilidades de replicação das estratégias de ensino utilizadas. Ou seja, de maneira mais ou menos direta, remetem a conhecimentos científicos que sustentam seus atos profissionais, como nos mostram as professoras **Lenise**, Jaqueline e Angélica.

Brincar, para a criança, é fundamental para seu desenvolvimento físico, social, psicológico, emocional e cognitivo. Dentre as contribuições mais importantes dos brinquedos e brincadei-

PROFESSORA

Lenise Sampaio Ribeiro

TÍTULO DO PROJETO

Brincar: novos tempos,
novos olhares

ESCOLA

Centro Municipal de
Educação Infantil Cid Passos

LOCAL

Salvador (BA)



ras para a criança, pode-se destacar que ela forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, se expressa através de múltiplas linguagens, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade, constrói seu próprio conhecimento, desenvolve-se afetivamente, possibilita a mediação entre o real e o imaginário e a formação do autoconceito positivo diante de situações adversas. Nessa perspectiva, jogos e brincadeiras assumem uma dimensão totalizante do ser, proporcionando uma experiência integradora do sentir/pensar/fazer, constituindo-se em um valioso recurso para o desenvolvimento integral.

Jaqueline cita especificamente os PCNs¹:

A importância de aprender a ler imagens vem principalmente da necessidade de compreender o mundo que nos cerca. Além disso, é importante estimular a criatividade nas crianças para que não se tornem criaturas passivas e meras reprodutoras de ideias e trabalhos “prontos”. Segundo os PCNs de Artes, “aprender Arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico, visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais”.

PROFESSORA

Jaqueline Maria de Souza Dias

TÍTULO DO PROJETO

Brincando de fazer arte,
com arte

ESCOLA

Escola Municipal
Paula Frassinetti

LOCAL

Manaus (AM)



1. Parâmetros Curriculares Nacionais <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> (último acesso em 25 de outubro de 2017).

PROFESSORA

Angélica Alves Bueno

TÍTULO DO PROJETO

Meu mundo, minha casa

ESCOLA

Escola Municipal José Sebba

LOCAL

Catalão (GO)



O trabalho de **Angélica** também registra uma preocupação conceitual:

O trabalho com o conceito de sustentabilidade, no primeiro momento, é utilizado no sentido de desenvolver atitudes que demonstrem preocupação com as outras pessoas e com outras formas de vida do ambiente. Reexaminando valores e modificando comportamentos em que o conceito de Ambiente não está restrito aos aspectos físicos, sejam eles naturais ou construídos, mas também incluindo os aspectos socioculturais da sociedade humana.

Ação-reflexão-ação

A docência exige uma gama de competências e saberes que ultrapassam a formação inicial e adentram o exercício da profissão. No artigo “Formação docente e os saberes necessários à prática pedagógica”, as pesquisadoras Sirley Leite Freitas e Juracy Machado Pacífico (2015) comparam concepções no que se refere aos saberes docentes necessários ao ensino. Ao fazer isso, concluem que a identidade do professor se forma com base no que ele ensina e no que aprende durante vários anos de sua prática profissional.

FREITAS; PACÍFICO, 2015.

Assim, o professor se torna professor a partir de sua atuação e do que dela incorpora. [...]

Os saberes docentes, construídos a partir do exercício da profissão, são tão importantes como os adquiridos na formação inicial. [...] estes são complementares e jamais excludentes: um não se basta sem o outro.

Assim, é preciso que teoria e prática formem uma unidade indissociável, expressando-se como ação-reflexão-ação, ação transformadora.

Os saberes envolvidos no processo de constituição de um bom professor se constroem com o tempo, incluindo-se a formação inicial, a prática e, principalmente, uma formação continuada em que o mesmo poderá refletir sobre a própria prática, sobre os conhecimentos adquiridos nas instituições de ensino, em processo de trocas de experiências com os demais professores e mantendo-se atualizado.

Participar do Prêmio Professores do Brasil é um convite para que os educadores reflitam sobre sua prática profissional, aprimorando-a ao escrever a respeito. Os relatos expressam as relações de ação-reflexão-ação desenvolvidas pelos participantes e mostram que, apesar das muitas diferenças entre as experiências, há denominadores comuns que permitem visualizar as características de um trabalho consistente. Além disso, foi possível enxergar algumas etapas do processo de ensino e aprendizagem usuais em todas as salas de aula: o planejamento das ações, o diagnóstico dos saberes dos alunos, o desenvolvimento de atividades para o ensino de determinados conteúdos e a avaliação das aprendizagens. O objetivo desta publicação é oferecer um percurso de trabalho possível para o desenvolvimento de uma boa prática de ensino, ilustrado pelas experiências dos vencedores do Prêmio Professores do Brasil.

Os relatos selecionados visam apresentar aos leitores uma grande variedade de exemplos reais que, esperamos, inspirem cada vez mais projetos engajadores para professores, alunos e comunidades e também muitas inscrições nas edições futuras do Prêmio Professores do Brasil. Outros aspectos, como as impressões dos professores sobre o fazer docente, eventuais inconsistências teóricas ou relacionadas à formação que podem ser inferidas da leitura do material, não foram considerados.

PLANEJAMENTO: CURRÍCULO, CONTEXTO E ESTRATÉGIAS DE ENSINO



O interesse também se cria, se suscita e se educa e, em diversas ocasiões, ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar.

Isabel Solé
Estratégias de leitura



Como começar uma boa prática de ensino? Antes de iniciar o trabalho com os alunos, há uma série de ações importantes: definir os conteúdos de ensino e as expectativas de aprendizagem; escolher o tema (em especial no caso de projetos de ensino); pesquisar sobre o tema ou conteúdo; e organizar o trabalho.

Essas decisões precisam ser tomadas independentemente da idade dos estudantes, do contexto em que a escola se situa, das condições de aprendizagem e até das estratégias e metodologias que serão empregadas.

No conjunto de relatos recebidos ao longo das 10 edições do Prêmio Professores do Brasil, é interessante observar que nem todos os educadores parecem ter clareza das decisões que tomaram: alguns consideram as ações prévias ao trabalho com os alunos algo quase instintivo, que não tem tanta importância. Ainda assim, no decorrer do relato, fica claro que decisões foram tomadas antes e durante o percurso. Entretanto, é sempre bom lembrar que, para desenvolver uma boa prática de ensino, é preciso investir no planejamento.

Planejar uma ação pedagógica, que pode acontecer por meio de um projeto de ensino, de uma sequência didática ou mesmo de um conjunto de aulas, exige que o professor responda a três perguntas:

- **“O que ensinar?”** – Refere-se à seleção de conteúdos que serão trabalhados com base no currículo escolar e à definição das expectativas de aprendizagem.
- **“Para quem ensinar?”** – Diz respeito ao contexto social, cultural e econômico em que a escola está inserida.
- **“Como ensinar?”** – Define as estratégias e metodologias de ensino que devem ser adotadas no momento.

No decorrer de um projeto ou de uma sequência didática, o professor encontrará diferentes respostas a essas perguntas e certamente não poderá responder a cada uma de maneira isolada, pois, ao refletir sobre um aspecto, invariavelmente esbarrará em outro. Ainda assim, é importante pensar sobre cada um desses pontos. Pode-se dizer que cada resposta corresponde a um passo do planejamento.

O que ensinar?

Onde encontrar informações sobre o PNE?

<http://pne.mec.gov.br>

http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf

Onde encontrar informações sobre a BNCC?

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>

(Últimos acessos em 26 de outubro de 2017.)

“O que ensinar?” não representa uma escolha individual: deve ser definido pela equipe pedagógica e registrado no currículo escolar. Para elaborar esse documento, parte-se de duas referências essenciais: de um lado, o Plano Nacional de Educação (PNE) e/ou os Planos Estadual ou Municipal, que determinam diretrizes, metas e estratégias para a política educacional, e, de outro, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Uma reflexão cuidadosa sobre as expectativas e objetivos de aprendizagem deve ser o primeiro desafio do professor, pois ele precisa ter clareza do que espera que os alunos aprendam. Paralelamente, é necessário garantir que a definição dos conteúdos de ensino seja convergente com o contexto em que a escola está inserida e com as expectativas da comunidade escolar.

Por isso, na composição do currículo, incluem-se também as indicações do Projeto Político-Pedagógico (PPP), elaborado de acordo com as decisões tomadas por seus representantes.

AUGUSTO, 2014.

Escrever o Projeto Pedagógico da escola é um modo de pensar sobre ela. Pensar com clareza sobre sua missão, atualizando sua função

social para a comunidade. Pensar sobre a definição da clientela, sobre as características mais marcantes dessa comunidade e as mudanças que ela vem sofrendo ao longo dos anos, e, conseqüentemente, modificando as demandas da escola. Pensar sobre a aprendizagem dos alunos, especialmente com relação ao que eles devem aprender e o que isto pode significar para cada um deles e para as famílias. Pensar como é possível se relacionar com as famílias de modo a fortalecer a parceria das duas instituições – escola e família –, para que possam cuidar da educação integral e formação de uma criança.

Ainda que todas as atividades desenvolvidas pelos docentes nas escolas devam dialogar com o currículo, são proporcionalmente poucos os relatos que fazem referência a ele ou mesmo às expectativas e objetivos de aprendizagem.

Entretanto, percebe-se uma relação bastante intrincada entre ter clareza dos objetivos de ensino e práticas mais consistentes. Quando os professores conhecem o currículo escolar e são capazes de definir metas gerais de aprendizagem, partem para o segundo momento do planejamento: identificar uma questão-problema que gere possibilidades de exploração.

No curso autoinstrucional “Na trilha das boas práticas de ensino”, do Prêmio Professores do Brasil 10^a edição (2017), Maria Cristina Zelmanovits indica que, para planejar, o professor depara com duas questões: “Dentre os conteúdos que devo ensinar, que recortes fazer neste projeto?” e “Que oportunidades de aprendizagem esses recortes podem favorecer?”.

A primeira questão diz respeito à delimitação do que será trabalhado dentro de determinado assunto, e a segunda integra a meta de aprendizagem geral e metas mais específicas. A previsão das aprendizagens específicas é fundamental para que o professor:

ZELMANOVITS, 2017.

ZELMANOVITS, 2017.

- *verifique sua ideia inicial (o projeto permite a integração e a articulação entre diferentes saberes? As aprendizagens favorecidas estão de acordo com as necessidades dos alunos?);*
 - *identifique alguns dos conteúdos que seu projeto irá abarcar;*
 - *construa uma primeira ideia das etapas que precisarão ser percorridas;*
 - *disponha de elementos para avaliar a participação dos alunos e suas apropriações nas diferentes etapas do trabalho.*
- [...] são as previsões das aprendizagens que conferem maior intencionalidade ao trabalho do professor e permitem sua melhor organização.*

A partir desse momento, o currículo escolar funciona como um balizador das possibilidades. É hora, então, de iniciar o segundo passo.

Para quem ensinar?

Esse passo começa com a identificação clara do contexto em que se atua. Quais as características marcantes da comunidade na qual a escola está inserida? O que os alunos precisam saber sobre a realidade que os cerca?

Cabe lembrar que cada grupo de estudantes tem a própria identidade, o que também deve ser levado em conta na elaboração do planejamento – é preciso ter em mente e dar visibilidade às características do contexto da comunidade e da realidade sociocultural nos quais as unidades educativas estão inseridas: zona rural, bairros em condições precárias, centros urbanos ou periferias de cidades grandes.

Muitos dos relatos recebidos no decorrer de uma década de prêmio mostram que os professores vêm considerando as

características de sua turma para planejar o trabalho pedagógico. Ao escolher o tema, pode-se partir da seguinte questão: “São muitos os bons assuntos, mas serão todos relevantes e condizentes com a realidade dos alunos?”. E então: “Sendo relevantes, qual será o recorte correto para gerar boas situações de aprendizagem?”.

De modo geral, os educadores premiados consideram que essa identificação inicial é importante para promover o envolvimento dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem. Embora a estrutura final do planejamento seja do professor, que detém os recursos técnico-pedagógicos, os vencedores indicam que uma conversa com a classe pode ajudar na observação de anseios, interesses, dúvidas e inquietações que indiquem temas a explorar. A partir daí, cabe ao docente a elaboração de uma “questão-problema” geradora de processos de exploração.

O projeto de **Vânia Emília** exemplifica essa abordagem:

O projeto foi desenvolvido na Educação Infantil e surgiu de uma roda de conversa entre os alunos e a professora. Ao questioná-los sobre o que eles costumavam fazer nos momentos de folga, eles responderam que assistiam à televisão, jogavam bola e brincavam de casinha. Diante desta revelação, foi proposto a eles aprender algumas brincadeiras com as quais os mais velhos se distraíam. Eles gostaram da proposta e quiseram saber quais eram essas brincadeiras e como iriam aprender a brincar.

Em uma atividade de contação de histórias, quando os próprios alunos escolheram um conto sobre a princesa e o sapo, uma das meninas levantou e questionou a existência de princesas negras. A mesma criança insistiu no assunto em

PROFESSORA

Vânia Emília Dourado

TÍTULO DO PROJETO

Meus avós brincavam do quê?

ESCOLA

Educandário

Anísio de Souza Marques

LOCAL

Iraquera (BA)



PROFESSORA

Mariana Soares Ferreira

TÍTULO DO PROJETO

Princesas negras

ESCOLA

Jardim de Infância 603

LOCAL

Recanto das Emas (DF)



outras oportunidades, o que fez **Mariana** perceber a oportunidade de falar sobre identidade e cultura com seus alunos (na faixa dos 4 anos), transformando a pergunta na questão-problema do projeto, que investiu em uma pesquisa literária sobre princesas.

Vê-se que o planejamento de aula não funciona como uma receita de bolo, pronta para ser seguida aqui e acolá da mesma forma. O que é adequado para uma turma pode não ser para outra; o que vale para um professor talvez não funcione para outro. Assim, ainda que o plano de aula apresente uma estrutura básica, é importante um olhar sensível e contextualizado para os alunos e para a comunidade que envolve a unidade de ensino para ajustar os objetivos de aprendizagem, o nível de detalhamento do projeto, a forma de registro e a escolha dos instrumentos a utilizar.

Foi exatamente esse olhar atento que fez a professora **Marta** realizar uma releitura do Estatuto da Criança e do Adolescente em seu projeto:

Os alunos que frequentam a escola são, em sua maioria, de classe baixa, sendo que grande parte deles está inscrita nos programas de ajuda do governo (Bolsa Família, PETI¹). A turma em que o projeto está sendo aplicado faz parte dessa realidade. As crianças frequentam a escola pela manhã e à tarde ficam com parentes ou pessoas com as quais as famílias contam para cuidar de seus filhos, pois a grande maioria trabalha fora e não tem a oportunidade de ficar com as crianças. A escola tem também a peculiaridade de atender o bairro vizinho, ofertando vagas para as crianças que chegam em um ônibus fretado pela prefeitura da

PROFESSORA

Marta de Moura Nunes Dias

TÍTULO DO PROJETO

Sou pequeno, mas tenho meus direitos

ESCOLAEscola Municipal
Professora Maria Ienkot Zeglin**LOCAL**

Curitiba (PR)



1. Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

cidade, o que acaba gerando pouca frequência [dos pais] às reuniões, bem como nas convocações individuais, devido à distância que os mesmos percorrem para chegar. O bairro em questão não possui espaços destinados à cultura.

As condições físicas, sociais e de infraestrutura da comunidade em que a escola está inserida devem compor o olhar do professor, mesmo que representem dificuldades.

A professora **Luciane** conta que a comunidade de sua escola era composta por famílias predominantemente de classe baixa:

[Elas conviviam] com péssimas condições de higiene, tais como: esgoto a céu aberto, lixo e residências de catadores, onde proliferavam vários seres causadores de doenças, tudo isso em frente à escola e nas ruas adjacentes, além de uma deficiente infraestrutura física do imóvel onde funcionava a escola, ou seja, havia vários fatores que prejudicavam o processo de ensino-aprendizagem.

É interessante observar que esse olhar atento também pode encontrar potencial e condições mais positivas, o que muda as perspectivas e certamente impacta o planejamento.

O professor **José Reginaldo** descreve assim a comunidade da qual sua escola faz parte:

Uma comunidade de baixo poder aquisitivo, situada na zona norte da cidade de Aracaju. Entretanto, dispõe de todos os serviços básicos e todas as suas ruas possuem saneamento básico. É uma comunidade onde os moradores trabalham no setor secundário e terciário do comércio e são na maioria vendedores. Temos um dos melhores sistemas de transporte coletivo da capital, pois a

PROFESSORA

Luciane Rosário Sampaio
Frizzera

TÍTULO DO PROJETO

Desembalando o lixo do bairro
Jardim Carapina

ESCOLA

Escola de Ensino Fundamental
João Paulo II

LOCAL

Serra (ES)



PROFESSOR

José Reginaldo dos Santos

TÍTULO DO PROJETO

Projeto Plantae

ESCOLA

Escola de Ensino Fundamental
Olga Benário

LOCAL

Aracaju (SE)



partir do terminal de integração é possível ir para qualquer parte da cidade. Além disso, há duas opções de transporte alternativo, o táxi lotação e o moto-táxi. Tem à disposição aproximadamente oito escolas, sendo seis públicas, três das quais do governo municipal e três do governo estadual.

Nesse caso, apesar de também mencionar o baixo poder aquisitivo, os outros aspectos descritos oferecem condições facilitadoras para a montagem do planejamento.

O procedimento adotado por esses professores – considerar o contexto de sua atuação, de seus alunos e da comunidade em que sua escola está inserida – propicia maior probabilidade de acerto na definição dos objetivos de aprendizagem e do tema a ser estudado. Vale esclarecer que essas definições remetem apenas à primeira reflexão da questão “Para quem ensinar?”. Depois da etapa de planejamento, será necessário fazer um diagnóstico mais detalhado do que os estudantes já sabem, de fato, sobre o conteúdo a ser ensinado e o que eles precisam aprender (tema do próximo capítulo, “Diagnóstico dos saberes dos alunos”, p. 49).

Agora, vejamos o terceiro passo do planejamento.

Como ensinar?

Nesse ponto, o professor já definiu alguns dos principais conteúdos do estudo, traçou expectativas de aprendizagem, elegeu um tema de trabalho. É chegada a hora de construir um esboço do caminho a trilhar.

O último passo do planejamento refere-se à pesquisa e levantamento de informações sobre o tema, à definição das ati-

vidades que serão desenvolvidas e à escolha dos materiais e recursos que poderão ser utilizados.

Essa etapa é trabalhosa e muito importante: a identificação de textos, vídeos, imagens e músicas relacionados ao tema pode ser muito prazerosa, uma vez que prenuncia o que será compartilhado com os alunos e permite vislumbrar em que direção se darão suas descobertas. Por vezes, o trabalho de pesquisa envolve a consulta a pessoas que são referências profissionais ou sociais no âmbito dos assuntos propostos. Viabilizar essa articulação de saberes e realidades suscita um movimento de integração desses aspectos com uma busca efetiva de conhecimento.

O professor parte de alguns princípios e tem concepções sobre como as crianças aprendem e quais suas necessidades em dado estágio de desenvolvimento. No entanto, os projetos temáticos, as propostas inovadoras e as tentativas de responder aos movimentos curiosos delas exigem ampliação de repertório e estratégias para atender às demandas impostas pela turma.

Seja para descobrir estratégias adequadas a cada grupo, seja para fundamentar ideias antes de colocá-las em prática, seja para se aprofundar sobre temas específicos, o docente precisa ser um eterno pesquisador.

A postura do professor deve ser a de organizador, mediador e elaborador de materiais, ambientes e atividades que permitirão às crianças construir ações sobre objetos e formas de pensamento. Numa nova perspectiva, compreende-se o papel do professor como o de um orientador da busca do conhecimento, principalmente quando ela surge como necessidade para desenvolver o projeto do grupo e as necessidades e desejos individuais das crianças.

BARBOSA, 2009.

Nos relatos enviados para o Prêmio Professores do Brasil, de acordo com a especificidade temática da proposta ou dos recursos específicos da unidade educativa, foi possível observar que alguns projetos contaram com apoios complementares da própria rede municipal, tais como colaboração de profissionais especializados (agrônomo, médico, nutricionista, engenheiro, agente de saúde, agente de trânsito, escritor) ou de empresários e comerciantes do entorno escolar, para, por exemplo, viabilizar a construção de brinquedos e a montagem de hortas ou realizar palestras e atendimentos informativos apropriados.

Com o projeto “Do porquinho ao leão, para onde vai o meu tostão”, a professora **Juliana** buscava:

PROFESSORA

Juliana Cunha de Melo

TÍTULO DO PROJETO

Do porquinho ao leão,
para onde vai o meu tostão

ESCOLA

Escola Municipal de Educação
Básica Prof. Hélio Paulino Pinto

LOCAL

Franca (SP)



[Contribuir para] a construção de competências e habilidades pelo desenvolvimento de conteúdos conceituais (sistema monetário, operações matemáticas, porcentagem e organização administrativa do governo), procedimentais (leitura, interpretação e produção de textos e compra e venda de mercadorias) e atitudinais (exigência da nota fiscal e conservação do patrimônio público) ligados à formação da consciência crítica das crianças em relação ao consumismo, à arrecadação de impostos e à justa aplicação dos recursos públicos para a melhoria de sua vida em comunidade.

Ela prossegue, como parte do resumo de seu trabalho:

[Como parte das atividades,] o secretário municipal de Finanças ministrou uma palestra informal (já no mês de agosto) para todos os alunos, com a participação dos pais e funcionários, abordando a necessidade da exigência do documento fiscal a fim

de ampliar a arrecadação de tributos e o consequente financiamento das políticas de melhoria no município.

Essa participação de uma “autoridade” certamente deu às crianças noção da importância do projeto, a sensação de pertencimento e maior possibilidade de relacionar o aprendizado teórico com sua realidade.

Elisete também buscou o apoio de pessoas de fora da escola, mas com outro tipo de “autoridade”. O objetivo de seu trabalho era *“desenvolver um projeto que aliasse a Língua Portuguesa à cultura e à história de nossa região”*, e uma das estratégias definidas foi a de trazer os pais e avós dos alunos para a escola. As próprias crianças elaboraram os roteiros das entrevistas, que versaram:

sobre os estudos, como iam à escola, como eram seus professores, castigos, brincadeiras; quiseram saber também como era o relacionamento entre filhos e pais, se contavam histórias ou lendas, quais eram os valores daquela época, como era seu cotidiano.

Além dessa estratégia, é necessário que o professor tenha plena compreensão dos recursos a que terá acesso e de que maneira utilizará os materiais e espaços a sua disposição: como fará o encadeamento das ações, como serão distribuídas as atividades, qual será o cronograma das etapas – ou seja, tudo o que envolve o andamento das aulas ao longo do desenvolvimento do projeto.

O objetivo do trabalho da professora **Margarida** explicita essa abordagem:

PROFESSORA

Elisete Tavares

TÍTULO DO PROJETO

Memórias

ESCOLA

Escola Municipal Antônio de Souza Lobo Sobrinho

LOCAL

Distrito de Caraíba, Vianópolis (GO)



PROFESSORA

Margarida Telles da Cruz

TÍTULO DO PROJETO

Projeto Eco Web

ESCOLA

Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho

LOCAL

Campo Bom, região metropolitana de Porto Alegre (RS)



Utilizar as tecnologias de informação e comunicação associadas à sustentabilidade para buscar novos olhares que levem a refletir sobre ações diárias, para que possamos viver de forma sustentável, ética, justa e solidária.

Com a incorporação dessas tecnologias, a professora buscou ampliar o horizonte de aprendizagem de sua turma para além dos muros da escola, uma vez que:

os alunos já não podem aprender apenas dentro de uma sala de aula, fechados em uma biblioteca ou em um laboratório de informática com programas de busca na internet; precisam ser levados a ter contato com as diferentes paisagens e a conhecer a biodiversidade dos diferentes ecossistemas.

O planejamento das atividades previa a utilização de notebooks, tablets, filmadoras, GPS, máquinas fotográficas, binóculos e smartphones; para a divulgação do andamento dos trabalhos, os estudantes produziram relatórios periódicos que foram publicados em um blog e em páginas das redes sociais criadas especialmente para o projeto. A incorporação desse tipo de tecnologia também contribuiu para maior nível de envolvimento do grupo. O levantamento de informações conciliou visitas *in loco*, com os alunos conhecendo de perto o banhado próximo à foz do arroio Schmidt, no Rio dos Sinos, situado a três quadras da escola, com pesquisas na internet. Assim, a turma pôde olhar de outra maneira para a *“falta de mata ciliar e a presença de erosão, assoreamento, retirada de areia, escoamento de esgoto e lixo nas margens e no leito”* com a qual se deparava todos os dias sem plena compreensão de causas e efeitos.

No curso “Na trilha das boas práticas de ensino” (2017), Zelmanovits faz algumas importantes reflexões sobre o passo final do planejamento, tratando-o como um mergulho no objeto de ensino.

O mergulho no objeto de ensino implica trabalho de pesquisa para o professor. Durante a realização dessa tarefa, além de aprender mais sobre o assunto de seu projeto, o professor já pode selecionar algumas fontes de informação (textos, vídeos, imagens, canções, pessoas etc.) a serem compartilhadas com os alunos e pensar em que atividades desenvolver.

ZELMANOVITS, 2017.

Para que esse mergulho aconteça, o planejamento de uma prática escolar deve partir das seguintes premissas:

- há necessidade de relacionar o tempo estimado para realização de um projeto e as estratégias para o desenvolvimento de cada atividade;
- é preciso buscar um equilíbrio entre os recursos disponíveis e os objetivos de ensino;
- é importante lembrar que se trata de um processo que ocorre diariamente e não apenas no momento que o calendário escolar reserva para isso;
- uma prática de ensino é bastante complexa, na medida em que envolve muitas variáveis detalhadas. O professor precisa conhecê-las e considerá-las para prever ações que respondem a elas. Quanto maior a capacidade de previsão, maior a chance de o trabalho cumprir seu objetivo.

Por outro lado, o professor precisa lembrar que o planejamento é uma hipótese de trabalho, estando sujeita a modifica-

ções ao longo do caminho. Assim, planejar implica conhecer as condições existentes em determinada situação, desenvolver estratégias de previsão de ações e resultados e ter clareza dos objetivos que se quer alcançar para promover mudanças de rumo sempre que necessário.

Síntese

Ao final de cada capítulo desta publicação, você encontrará uma síntese que retoma os principais pontos abordados. O objetivo é ajudá-lo a refletir sobre sua prática e, quem sabe, aprimorá-la.

O planejamento de uma boa prática de ensino é composto por três etapas que se encontram e se complementam em diferentes momentos.

A primeira ocorre antes do início do ano letivo e envolve conhecer documentos oficiais que determinam parâmetros curriculares e participar da elaboração do currículo escolar. Neste momento, é preciso definir metas e expectativas gerais de aprendizagem. Esse movimento deve ajudá-lo a responder à seguinte questão:

- **O que ensinar?**

O passo seguinte do planejamento é definir metas e expectativas gerais de aprendizagem, considerando o contexto em que a escola está inserida e características específicas do grupo de alunos.

- **O que ensinar para meus alunos?**
- **Para quem ensinar?**

Para finalizar o planejamento, é preciso definir estratégias de ensino e traçar um plano de ação:

- **Como ensinar?**

O esquema a seguir pode auxiliar na sistematização das informações. A cada capítulo, ele é ampliado de modo a contemplar todas as etapas do percurso. A versão completa do esquema encontra-se no capítulo “Avaliação da aprendizagem e do processo educativo” (p. 79).

PLANEJAMENTO

1º passo (antes da sala de aula)

O que ensinar?

- Conhecer os documentos oficiais (PNE, Planos Estaduais e Municipais de Educação), BNCC, Currículos ou matrizes curriculares da rede de ensino na qual a escola está inserida.
- Em conjunto com a comunidade escolar, elaborar o PPB e o currículo escolar.

2º passo (na sala de aula)

O que ensinar para meus alunos?

- Definição de metas gerais de aprendizagem.

Para quem ensinar?

- Observação do grupo para identificação de questão mobilizadora e definição de tema/assunto.
- Definição de metas específicas de aprendizagem.
- Reflexão sobre as condições gerais de aprendizagem.

3º passo (na sala de aula)

Como ensinar?

- Desenvolver pesquisas sobre o tema.
- Definir estratégias de ensino.
- Conhecer diferentes formas de trabalhar com conteúdos similares nas salas de aula.
- Organizar cada etapa do trabalho que será desenvolvido com os alunos.

Divulgar boas práticas de ensino é um importante objetivo do Prêmio!

DIAGNÓSTICO

- Selecionei quais conteúdos para a investigação inicial?
- Organizei atividades objetivas?
- Considerei a possibilidade de utilizar diferentes estratégias e instrumentos?
- Registre os resultados?

DESENVOLVIMENTO

- Os desafios propostos aos alunos estão de acordo com suas possibilidades de aprendizagem?
- As atividades oferecidas possibilitam aos alunos aproximarem-se dos objetivos de ensino do professor?
- Há atividades diversificadas que articulem diferentes competências e habilidades características de cada grupo de alunos?
- Os agrupamentos dos alunos têm sido produtivos?
- O percurso proposto possibilita flexibilização de atividades e desvios de rotas?
- Tenho conseguido considerar o interesse e o envolvimento dos alunos?

AVALIAÇÃO

- As situações de avaliação dialogam com as metas de ensino e com meus registros sobre os conhecimentos prévios dos alunos?
- Consigo efetivar um sistema de avaliação contínuo e permanente?
- As situações de avaliação indicam o grau de assimilação pelos alunos, dos conceitos e informações trabalhados?
- Faço ajustes no percurso a partir dos resultados das avaliações?

DIAGNÓSTICO DOS SABERES DOS ALUNOS



**Ninguém ignora tudo.
Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos
alguma coisa.
Todos nós ignoramos
alguma coisa.
Por isso aprendemos
sempre.**

Paulo Freire
***Pedagogia da Autonomia:
saberes necessários à prática educativa***



o final do planejamento inicial, o professor tem em mente o percurso que vai trilhar, levando em conta o contexto social e cultural em que os estudantes estão inseridos, como visto no capítulo anterior. Em um segundo momento, é preciso observá-los do ponto de vista cognitivo, ou seja, conhecer as condições e possibilidades de aprendizagem de cada um deles.

Houve uma época em que o aluno era considerado uma “tábula rasa” que tinha de ser preenchida, e alguns ainda acreditam que a palavra “aluno” representa aquele que não tem luz. Todavia, segundo a etimologia, ela vem do latim *alumnus*, proveniente do verbo *alere*, que tem o sentido de alimentar, nutrir, fazer crescer. Daí a ideia de “aluno” referir-se a criança de peito, lactante, filho adotivo.

Essa confusão relacionada à etimologia do termo indica também como o conceito de ensino e de aprendizagem foi se transformando nas últimas décadas. Hoje se sabe que não se aprende a partir do zero, mesmo no caso de bebês e crianças bem pequenas. As diferentes teorias a respeito concordam que a aprendizagem se dá por um processo de apropriações do sujeito no qual conta muito sua experiência anterior.

O conhecimento prévio dos alunos

David Ausubel foi o primeiro a usar a expressão “conhecimento prévio”. Para o pesquisador, ele funciona como “pontos de ancoragem” na estrutura cognitiva do sujeito. Esses pontos de ancoragem se organizam com base em um conjunto de ideias, conceitos e proposições relevantes acionados por quem aprende e são, também, partidas para receber novas ideias, conceitos etc.

É da interação entre a estrutura cognitiva do aprendiz e uma situação desafiadora que emergem novas aprendizagens. Diante de um desafio, pergunta ou problema, o aluno se apoia em seu conjunto de saberes teóricos e práticos para assimilar novos dados, informações ou procedimentos. Com tudo isso, avança e aprende algo novo.

A implicação dessa concepção para o trabalho do professor é clara: não basta planejar o que apresentar em sala de aula; mais importante é saber se o que se pretende ensinar poderá ser acolhido pelo aprendiz a partir de suas estruturas cognitivas, quer dizer, de seu conhecimento prévio.

Todo ano o docente precisa realizar um estudo sério do que vai ensinar, tomando decisões e fazendo escolhas com foco na aprendizagem de cada um dos estudantes. Ele tem de avaliar o que é de fato importante para o aluno e, ainda mais, em que ordem apresentará os principais conceitos e ideias, de modo a promover uma boa interação com o conhecimento prévio do aprendiz.

AUSUBEL; NOVACK;
HANESIAN, 1980.

Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria: o fator singular que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra isso e ensine-o de acordo.

Para alguns, o diagnóstico inicial, ou o levantamento dos conhecimentos prévios, ainda faz parte do planejamento. Para outros, essa etapa – que também pode promover aprendizagens – já é a realização do projeto ou da sequência didática.

De toda maneira, fazer um diagnóstico inicial consiste em desenvolver ações e sondagens para verificar os conhecimentos da turma e de cada aluno em particular acerca do tema que se pretende trabalhar. É colocar a escuta a serviço do conheci-

mento e da valorização das necessidades de um sujeito ou de um grupo para, a partir daí, pensar em transformações.

Esse levantamento é importante para identificar previamente possíveis dificuldades na execução das atividades planejadas. Da mesma forma, propicia alternativas interessantes – por exemplo, em termos de agrupamento dos estudantes –, na medida em que apresenta os distintos níveis de conhecimento que eles já carregam consigo a partir das vivências e experiências pessoais. Ao longo do tempo, também auxilia o professor em suas reflexões sobre causas recorrentes de dificuldades dos alunos e da turma, contribuindo para a definição de ações que objetivem sanar esses problemas.

Portanto, um dos principais objetivos do diagnóstico é identificar, para possível utilização posterior, os saberes trazidos pelos próprios estudantes. Esse conceito, mesmo não sendo novo, pode ser considerado transformador, uma vez que altera o eixo e a visão tradicional de que o professor é o único detentor do conhecimento e responsável por sua transmissão. O docente passa a ser visto como um agente “organizador” dos saberes, alguém que, além de ensinar, também aprende.

Os relatos dos professores premiados mostram que a preocupação em acessar os conhecimentos prévios dos alunos é um ponto comum importante para o desenvolvimento de boas práticas. Também é possível perceber que várias são as maneiras de fazer isso.

Saberes do cotidiano

Muitas vezes a observação do contexto no qual os estudantes vivem ou mesmo as impressões do professor sobre as dificul-

PROFESSOR

José Kleber Andrade Lopes
de Jesus

TÍTULO DO PROJETO

Projeto Educativo Cultural
Afro Som

ESCOLA

Colégio Estadual
Edna Moreira Pinto Daltro

LOCAL

Capim Grosso (BA)



dades que enfrentam dão início a um processo mais cuidadoso de levantamento dos conhecimentos prévios. Vale lembrar que eles não se restringem ao que os alunos dizem conscientemente; inclui experiências de vida, atitudes, procedimentos que adotam – mesmo quando não têm plena consciência deles.

O objetivo de **José Kleber** era “resgatar a autoestima dos alunos a partir da valorização da cultura negra, do sentimento de igualdade de direitos e do respeito às diferenças”.

Ele rapidamente deparou com uma infinidade de possíveis recortes, como mostra trecho da justificativa de seu projeto:

O respeito pelo diferente deve ser trabalhado em todos os âmbitos do conhecimento, e a cultura afro-brasileira nos abre um leque enorme devido a suas inúmeras possibilidades de enfoque. Nos últimos tempos, a preocupação de legisladores e educadores em mencionar a expressão corporal, a dança e a música em seus trabalhos tem se evidenciado muito no Brasil. É dentro desta multiplicidade de propostas, ações e perspectivas que deveríamos concentrar esforços e lançar um olhar mais crítico sobre a dança afro e a música percussiva na escola.

Nesse caso, os “conhecimentos prévios” dos jovens não estavam relacionados a conceitos, normas ou informações, mas a situações concretas vivenciadas por muitos deles. Diante de múltiplas possibilidades, o professor optou por concentrar a investigação em ações ligadas à música e à dança por serem de interesse do grupo. Os alunos realizaram pesquisas sobre manifestações culturais africanas, levantaram informações em textos e filmes e criaram um grupo de estudos para discussões com base na leitura de vários artigos sobre a música, a dança e a cultura afro-brasileiras. Na mesma linha, estudantes e professores

envolvidos no projeto (Educação Física, Artes, História) realizaram reflexões sobre a Lei 10.639/2003¹, que é considerada um marco na história das lutas antirracismo e trata do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Luzia utilizou a mesma temática de José Kleber, explorando a questão do preconceito racial:

A ideia de realizar essa experiência (...) surgiu a partir da observação de grande parte da clientela da escola apresentar traços físicos característicos afrodescendentes e, por sua vez, assumir uma forte riqueza cultural no bairro (...) Em sala de aula, com a leitura do livro Menina bonita do laço de fita², foi realizado o levantamento prévio dos conhecimentos acerca do assunto.

Os excertos do texto de introdução de seu relato indicam que a escolha do tema ocorreu pela observação da realidade dos alunos e que uma de suas preocupações iniciais foi a de identificar o que eles já conheciam a respeito do assunto.

Saberes ouvidos e falados

Uma conversa aberta e interessada permite ao professor aproximar-se do mundo dos estudantes, de suas representações, dilemas, interesses. Vale lembrar que, em um processo educativo, essa aproximação não deve resultar em um juízo de valor. Se

1. Essa lei alterou a Lei 9.394/1996, posteriormente modificada também pela Lei 11.645/2008, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, públicas e particulares.

2. MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

PROFESSORA

Luzia Maria Pessoa Campos

TÍTULO DO PROJETO

Festejando a cultura afro-brasileira

ESCOLA

Unidade de Educação Básica
Pastor Estevam Ângelo de Sousa

LOCAL

São Luís (MA)



PROFESSORA

Gabriela de Souza Carlstrom

TÍTULO DO PROJETO

Árvores da minha cidade

ESCOLA

Escola Municipal de
Ensino Fundamental
Prof. Ver. Amaro Rodrigues

LOCAL

Artur Nogueira (SP)



na conversa inicial o docente julgar os alunos em vez de ouvi-los e procurar entendê-los, a relação se distanciará, e eles sem dúvida não dirão o que realmente pensam ou sabem. Muitos relatos dos professores premiados revelam que a escuta generosa, atenta e com o objetivo de entender o posicionamento dos estudantes é um dos ingredientes da boa prática pedagógica.

Assim como Luzia, **Gabriela** também partiu de inquietações de seus alunos:

Num questionamento que partiu das experiências dos próprios alunos, observou-se a gravidade do problema ao se constatar que, em várias ruas de nosso município, árvores eram mais abundantes em tempos não muito distantes e que foram, em poucos anos, sendo substituídas pela ampliação de novos bairros, pela expansão urbana ou pelo simples descaso de seus moradores, que arrancavam da frente de suas casas exemplares que “atrapalhavam” as calçadas ou “sujavam” a frente de suas casas.

Diante do grande universo que surge quando se fala em meio ambiente, a professora optou por estabelecer como fio condutor o tema das árvores nas vias públicas, levantando respostas para questões a ele relacionadas – Qual a importância das árvores nas vias públicas da cidade? Quantos alunos tinham uma árvore plantada na calçada de sua casa? Quem havia plantado? Fazia quanto tempo? Os estudantes também realizaram uma pesquisa com seus pais, perguntando-lhes: “Caso ganhasse uma muda de árvore, você plantaria na calçada da sua casa?”.

Há momentos em que é o professor quem precisa lançar mão dos próprios conhecimentos prévios para olhar uma situação e perceber que se trata de uma inquietação, transfor-

mando-a em uma questão-problema que possa se tornar objeto de ensino.

A inquietação que dá título ao projeto levou **Maria** a observar o modo como as crianças brincavam e se movimentavam, a identificar a necessidade de elas conhecerem mais sobre o próprio corpo e a trabalhar coordenação motora, segurança e tonicidade por meio da autovisualização e da observação de seus colegas.

Saberes do contato com o objeto de ensino

Colocar os alunos em contato direto com os objetos de ensino por meio de perguntas, disponibilizar artefatos ou situações de observação, solicitar que justifiquem suas escolhas e explicações são maneiras de acessar os conhecimentos prévios deles.

Preocupada com o educar em uma sociedade tomada pela informação e pelo avanço das telecomunicações, além de identificar o que os alunos já conheciam a respeito do tema, **Tatiana** teve o cuidado de envolvê-los, questionando-os sobre o que gostariam de saber sobre o assunto:

Primeiramente, foi preciso conhecer o que os alunos da 4ª série do Ensino Fundamental sabiam e o que desejavam saber a respeito de um jornal em vídeo e dos recursos utilizados para sua elaboração. Após essa conversa informal (...), conseguimos registrar as informações coletadas (...), salvando os trabalhos por pastas que representavam a divisão dos temas. Os alunos, divididos em grupos, registraram no processador de texto seus repertórios iniciais sobre o tema da atividade e os questionamentos, por exemplo, o que é um telejornal digital, para que serve, como é utilizado,

PROFESSORA

Maria de Jesus Almeida

TÍTULO DO PROJETO

Descobrimo-nos e movimentando-nos

ESCOLA

Escola Municipal Nilza Ayres Pires

LOCAL

Catalão (GO)



PROFESSORA

Tatiana Bianca Rebelo Basso

TÍTULO DO PROJETO

Telejornal da escola

ESCOLA

Escola de Educação Básica Júlia Lopes de Almeida

LOCAL

Blumenau (SC)



como é apresentado, se assistem a jornais em casa e quais são eles, o que sabem sobre os recursos tecnológicos necessários para a produção de um telejornal digital, o que gostariam de saber mais sobre telejornal digital.

Essa relação entre os conhecimentos prévios e os novos conteúdos que serão trabalhados pela escola, visando atender aos objetivos de aprendizagem, foi objeto de atenção do educador Paulo Freire:

FREIRE, 1992.

Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto a outro, e não ficar, permanecer. Jamais disse, como às vezes sugerem ou dizem que eu disse, que deveríamos girar embevecidos em torno do saber dos educandos, como a mariposa em volta da luz.

Os dois próximos exemplos ilustram o que disse Freire: é preciso garantir que os alunos avancem em seus conhecimentos. Nesse sentido, é importante utilizar o diagnóstico e os objetivos de aprendizagem como base para checar o que se pretende realizar com os alunos.

Ao procurar conhecer o que seus alunos já sabiam sobre pesquisa, **Fernando** deparou com a prática do “recorte e cole” como definidora da atividade. Para alterar esse quadro, ele planejou situações a fim de que os estudantes aprendessem a distinguir fontes de pesquisa mais e menos confiáveis, a selecionar informações relevantes, a delimitar um tema, a escolher de que modo investigá-lo, a entender qual a postura do pesquisador, a comprovar e descartar hipóteses etc. Se tivesse partido do pressuposto de que alunos mais velhos já deveriam saber certos conteúdos, dificilmente alcançaria resultados tão significativos no que se refere às aprendizagens dos alunos.

PROFESSOR

Fernando Nunes de Vasconcelos

TÍTULO DO PROJETO

Tecendo Ciência

ESCOLA

Escola Estadual de Educação
Profissional Júlio França

LOCAL

Bela Cruz (CE)



Hecionéia convidou os alunos a expor seus conhecimentos a respeito dos “contos de mistério”, gênero escolhido para o estudo. Enquanto eles relembavam textos e filmes, a observação de que crimes só são desvendados no final e a menção de palavras frequentes nesse tipo de narrativa – “suspeito”, “assassinato”, “vítima” etc. – surgiram com facilidade. No entanto, foi preciso instigá-los a pensar sobre outras questões que até então não haviam aparecido, como a descrição dos ambientes em que se passam as histórias de mistério e sua relação com a atmosfera de suspense e medo. Conhecer os saberes dos alunos e identificar o que ainda não conseguiam observar ajudou a professora a planejar atividades específicas.

Zelmanovits explica:

Turmas que não se apropriaram de certos conhecimentos-chave para a compreensão de novos conteúdos exigem que o professor reveja os tempos do trabalho e retome passos anteriores antes de avançar. Já as turmas que demonstram conhecer vários dos aspectos envolvidos nos estudos exigem que o professor reavalie o nível de desafio das atividades inicialmente pensadas e os resultados que imaginava alcançar.

O professor jamais pode deixar de levar em conta que cada aluno aprende a certa velocidade e que seu tempo de resposta depende dos estímulos apresentados. Também não deve perder de vista que são muitos os fatores que influenciam a aprendizagem, entre eles as condições psicossociais e cognitivas, o nível de apoio familiar, o ambiente escolar e as características da comunidade.

Quando se fala em diagnóstico, pode-se imaginar, com razão, que se trata da etapa inicial, algo a ser realizado nos primeiros trabalhos do ano letivo. No entanto, cabe esclarecer que

PROFESSORA

Hecionéia Rocha Vieira Bassetto

TÍTULO DO PROJETO

Na trilha das autorias misteriosas

ESCOLA

Escola Estadual José dos Santos

LOCAL

Aspásia (SP)



ZELMANOVITS, 2017.

um passo importante para o acompanhamento do progresso dos alunos ao longo do tempo é a realização de levantamentos e sondagens frequentes, observando e considerando tudo o que possa facilitar ou dificultar o processo ensino-aprendizagem. Isso porque os conhecimentos prévios dos estudantes estão sempre presentes, em qualquer atividade que envolva aprender algo novo.

Síntese

Vimos que reconhecer a importância de acessar os conhecimentos prévios dos alunos é um ponto comum aos relatos dos professores vencedores citados neste capítulo (ver também o capítulo “Três projetos completos”, p. 93).

A seguir sintetizamos os principais pontos abordados neste capítulo e apresentamos algumas perguntas que podem auxiliar na etapa de diagnóstico dos saberes dos alunos:

- Não é possível abranger todo o conteúdo de uma só vez. *Qual o aspecto-chave (ou questão-problema) do qual devo partir para acessar os conhecimentos prévios dos alunos?*
- Manter um foco é fundamental para que professor e alunos não se percam diante de um grande volume de informações. Assim como os alunos precisam de tempo para aprender, o professor precisa de tempo para desenvolver o trabalho. Por isso, o diagnóstico deve ser breve, preciso e objetivo.
Consigo planejar uma atividade que “vá direto ao ponto”?
- Não há fórmulas prontas para o diagnóstico ou algo que sirva para todas as situações. São vários os instrumentos, de dimensão qualitativa ou quantitativa, que podem ser utilizados: roda de conversa, produção de textos, elaboração de entrevistas e questionários, análise de dados de desempenho da turma registrados ao longo do tempo, leitura e interpretação de textos, realização de cálculos, levantamento de informações específicas sobre os alunos. *Sou capaz de identificar quais instrumentos, estratégias ou ações são mais adequados para meus alunos, considerando os objetivos de ensino, as expectativas de aprendizagem e os recursos disponíveis?*
- O registro será muito valioso tanto para a avaliação das aprendizagens dos alunos como para analisar o percurso vivido pelo grupo.
Organizei o registro dos dados obtidos com o diagnóstico inicial?

Com a inclusão do diagnóstico dos saberes dos alunos, inclui-se mais um passo no percurso:

PLANEJAMENTO

1º passo (antes da sala de aula)

O que ensinar?

- Conhecer os documentos oficiais (PNE, Planos Estaduais e Municipais de Educação), BNCC, Currículos ou matrizes curriculares da rede de ensino na qual a escola está inserida.
- Em conjunto com a comunidade escolar, elaborar o PPB e o currículo escolar.

2º passo (na sala de aula)

O que ensinar para meus alunos?

- Definição de metas gerais de aprendizagem.

Para quem ensinar?

- Observação do grupo para identificação de questão mobilizadora e definição de tema/assunto.
- Definição de metas específicas de aprendizagem.
- Reflexão sobre as condições gerais de aprendizagem.

3º passo (na sala de aula)

Como ensinar?

- Desenvolver pesquisas sobre o tema.
- Definir estratégias de ensino.
- Conhecer diferentes formas de trabalhar com conteúdos similares nas salas de aula.
- Organizar cada etapa do trabalho que será desenvolvido com os alunos.

Divulgar boas práticas de ensino é um importante objetivo do Prêmio!

DIAGNÓSTICO

- Selecionei quais conteúdos para a investigação inicial?
- Organizei atividades objetivas?
- Considerei a possibilidade de utilizar diferentes estratégias e instrumentos?
- Registrei os resultados?

DESENVOLVIMENTO

- Os desafios propostos aos alunos estão de acordo com suas possibilidades de aprendizagem?
- As atividades oferecidas possibilitam aos alunos aproximarem-se dos objetivos de ensino do professor?
- Há atividades diversificadas que articulem diferentes competências e habilidades características de cada grupo de alunos?
- Os agrupamentos dos alunos têm sido produtivos?
- O percurso proposto possibilita flexibilização de atividades e desvios de rotas?
- Tenho conseguido considerar o interesse e o envolvimento dos alunos?

AValiação

- As situações de avaliação dialogam com as metas de ensino e com meus registros sobre os conhecimentos prévios dos alunos?
- Consigo efetivar um sistema de avaliação contínuo e permanente?
- As situações de avaliação indicam o grau de assimilação pelos alunos, dos conceitos e informações trabalhados?
- Faço ajustes no percurso a partir dos resultados das avaliações?

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES



**Mestre não é quem
sempre ensina, mas quem,
de repente, aprende.**

**Guimarães Rosa
Grande sertão: veredas**



Alguém que pretende viajar tem de preparar o roteiro, checar as condições do clima, levantar as opções de hospedagem, prever os recursos que vai investir e tentar antever dificuldades. Fazendo um paralelo com o trabalho docente, é preciso elaborar o planejamento e o diagnóstico inicial. Depois disso, mantendo a analogia, chega o momento de colocar o pé na estrada.

Assim como nas viagens, não há um único caminho a ser tomado. As possibilidades são inúmeras e variam conforme as características da turma de alunos, o contexto escolar e as condições apresentadas durante a jornada. Incluem-se aqui aspectos relativos à estrutura e ao funcionamento de cada escola, como participação da gestão e autonomia dos professores, e até elementos-surpresa que o entusiasmo dos envolvidos pode fazer surgir – descobertas pessoais e familiares, convidados com informações inusitadas, eventos sazonais etc.

O que se coloca em jogo agora são essencialmente estratégias e metodologias de ensino. Em outras palavras, este é o momento de apresentar como os professores realizam as atividades e, com isso, promovem avanços significativos na aprendizagem dos alunos.

No Brasil, são poucas as publicações, acadêmicas ou não, que tratam especificamente de divulgar estratégias e metodologias de ensino. As concepções teóricas embasam a produção de material didático, mas não há uma tradição em utilizar experiências bem-sucedidas e registradas para ampliar o repertório de possibilidades de ação dos professores. Nesse cenário, uma iniciativa como o Prêmio Professores do Brasil do Ministério da Educação (MEC) torna-se especialmente importante. Os trabalhos apresentados no capítulo “Três

projetos completos” (p. 93) são bons exemplos de estratégias docentes.

Todavia, em muitos dos relatos recebidos ao longo das 10 edições do prêmio, observa-se que o desenvolvimento das atividades é a parte menos explorada pelos professores. Podemos inferir várias razões para isso. Uma delas talvez esteja relacionada à formação inicial universitária, que não costuma priorizar o “como ensinar”. Outra possibilidade é o fato de o professor considerar esse momento da prática docente tão ordinário, tão cotidiano que não consegue distanciar a reflexão sobre ele da prática, tal qual um bom cozinheiro, que sabe avaliar o momento exato de incluir ingredientes, reduzir o fogo, ajustar o sal, porém não consegue explicar seu processo de trabalho. Dessa maneira, é comum encontrarmos nos relatos os princípios determinantes das ações, mas poucas descrições das atividades desenvolvidas de modo a ser possível replicá-las. Em raros casos, o leitor pode criar um “cinema mental” associado às estratégias de ensino e aprendizagem apresentadas. Ainda assim, os professores premiados trazem sugestões preciosas sobre essa etapa do trabalho.

Atividades diversificadas

Um aspecto importante a levar em conta é que o tipo e a sequência das atividades que serão desenvolvidas devem ser compatíveis com o grau de dificuldade e desafio que se quer oferecer aos alunos, nem aquém nem além de suas possibilidades de aprendizagem, buscando-se, assim, manter um nível positivo de atenção de todos. Um modo de abarcar essa questão é desenvolver atividades diversificadas que se articulem às

diferentes competências e habilidades de cada turma, assim como a seus interesses e necessidades, instigando a curiosidade, oferecendo recursos atrativos e conectando os conteúdos programáticos às múltiplas linguagens expressivas existentes, de maneira que uma atividade puxe a outra e o processo adquira um caráter dinâmico, articulado.

Além de utilizar uma gama variada de recursos, **Catiane** contou com a contribuição de familiares e explorou diferentes linguagens durante o desenvolvimento das atividades:

As atividades foram desenvolvidas usando variados recursos, como: materiais da natureza (gravetos, folhas, sementes, serragens, areia, carvão, galhos secos, flores etc.); papéis, colas, revistas, livros, tesouras, lápis, pincéis, cartolinas, TNT, CDs, vídeos, gravador, EVA, garrafas PET, cartelas de ovos, latas variadas, barbante, tintas, copos descartáveis, tampas de garrafa, rolos de papel higiênico etc.; trabalhos (brinquedos, cartazes, faixas, placas, textos, murais, jogos) desenvolvidos pelas crianças, pais e equipe escolar durante a execução do projeto; e apresentações de músicas, poesias, dramatizações, histórias etc., com a presença dos pais e da comunidade escolar.

O objetivo principal desse projeto era despertar nos alunos e em toda a comunidade à qual a escola pertence a preocupação com a conservação da natureza, mais especificamente “não destruir, não matar, não poluir, economizar, reciclar e proteger”, buscando sempre ressaltar o aspecto da qualidade de vida.

A professora **Claudia** também utilizou uma gama diversificada de postagens:

PROFESSORA

Catiane da Silva Sarah

TÍTULO DO PROJETO

Defensores do planeta

ESCOLA

Escola Estadual de Ensino Infantil São Francisco

LOCAL

Cruzeiro do Sul (AC)



PROFESSORA

Claudia Mariano da Silva Alvares

TÍTULO DO PROJETO

Pequeno cidadão,
grande transformação

ESCOLA

Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Antônio Ribeiro

LOCAL

Marília (SP)



O trabalho foi organizado de forma interdisciplinar, abordando não apenas conteúdos relacionados aos temas transversais, como Ética e Cidadania, mas também História, Língua Portuguesa, Matemática, Arte e Geografia, sendo para isso utilizados recursos e estratégias diversas, tais como: aulas e pesquisas multimídia, criação de endereços eletrônicos para o compartilhamento de experiências vividas (blog, e-mail, redes sociais), dinâmica de grupo, eleição do representante de classe, pesquisa de campo, aula passeio, textos diversos, música, cartas, retroprojetor, livros literários e paradidáticos, revistas em quadrinhos, entrevistas, tratamento da informação (gráficos e tabelas), eleição manual e informatizada, participação dos pais, envolvimento da comunidade escolar e local.

PROFESSOR

José Reginaldo dos Santos

TÍTULO DO PROJETO

Projeto Plantae

ESCOLA

Escola de Ensino Fundamental
Olga Benário

LOCAL

Aracaju (SE)



Interação entre diferentes conhecimentos

A interdisciplinaridade é uma das características dos relatos dos professores premiados, especialmente no Ensino Fundamental e no Médio.

Esse projeto, já mencionado no capítulo sobre planejamento (p. 31), envolveu vários professores e abordagens. De maneira interdisciplinar, **José Reginaldo** buscou trabalhar outros conteúdos curriculares como: processos de uso e ocupação do espaço geográfico, poluição visual proporcionada pelo lixo e má conservação do bairro, observação das mudanças ocorridas nele pelas ações do homem e da natureza (História e Geografia); identificação dos fenômenos da natureza e suas consequências para o meio, doenças transmitidas pela má conservação do meio, efeito estufa e seus impactos, importância socioambiental das plantas (Ciências); conceitos de área

ocupada e área livre do bairro, proporção e formas geométricas do meio ambiente, dados estatísticos de pesquisas (Matemática); reprodução de paisagens do bairro por meio de desenhos e maquetes, desenvolvimento de arte com sucata, apreciação da natureza e suas formas (Arte); produção de relatórios, criação de poesias, estudo de textos temáticos, realização de pesquisas e entrevistas na comunidade (Língua Portuguesa).

Diante de tantas possibilidades, mesmo um bom planejamento não consegue prever absolutamente tudo o que vai ocorrer adiante e, portanto, deve oferecer possibilidades de flexibilização – um caráter dinâmico, que permite ao professor considerar o interesse e o envolvimento dos alunos e fazer ajustes nos planos iniciais. Essa capacidade de percepção para promover correções de rota durante o andamento dos trabalhos é um importante saber dos professores. Sobre essa relação, Maurice Tardif argumenta:

Um primeiro fio condutor é que o saber dos professores deve ser compreendido em íntima relação com o trabalho deles na escola e na sala de aula. Noutras palavras, embora os professores utilizem diferentes saberes, essa utilização se dá em função do seu trabalho e das situações, condicionamentos e recursos ligados a esse trabalho. Em suma, o saber está a serviço do trabalho. Isso significa que as relações dos professores com os saberes nunca são relações estritamente cognitivas; são relações mediadas pelo trabalho que lhes fornece princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas.

TARDIF, 2002.

Uma condição fundamental é o envolvimento dos estudantes. Algo que pode contribuir muito para isso é a participação de diferentes interlocutores e destinatários, proporcionando um fator de ampliação do interesse e até mesmo

PROFESSOR

Roberto Leandro dos Santos

TÍTULO DO PROJETO

Formando pequenos cientistas
no Ensino Fundamental

ESCOLA

Escola Municipal
de Educação Básica
Octávio Edgard de Oliveira

LOCAL

São Bernardo do Campo (SP)

PROFESSORA

Soraya Freire de Oliveira

TÍTULO DO PROJETO

Educação para o trânsito
na escola – Uma questão
de direitos humanos

ESCOLA

Escola Municipal
Thomás Meirelles

LOCAL

Manaus (AM)

PROFESSORA

Rozecrei Rosa

TÍTULO DO PROJETO

Projeto de pesquisa
“A dengue em Campos de Júlio”

ESCOLA

Escola Estadual Angelina
Franciscon Mazutti

LOCAL

Campos de Júlio (MT)



de mudança no olhar dos alunos em relação ao processo de aprendizagem – a construção de um trabalho coletivo em que vale buscar parcerias e apoio para enriquecer e aprofundar questões iniciais. Nessa direção, vários foram os relatos de trabalhos contemplados com o Prêmio Professores do Brasil que mencionaram a visita de alguém de fora da escola com conhecimentos específicos a respeito do tema explorado nas aulas.

Observe a respeito o relato de **Roberto**:

Para nos auxiliar com tantas dúvidas levantadas, recebemos a visita de um aluno graduando em Biologia pela Universidade de São Paulo (USP). Ele conversou com os alunos e trouxe um peixe para mostrar suas estruturas e explicar a função de cada parte de seu corpo.

Esta é a contribuição de **Soraya**:

Destacamos as instituições que contribuíram de maneira significativa para a realização das ações, tais como: Universidade Federal do Amazonas – UFAM (participação das estagiárias com palestras sobre o meio ambiente); TV Em Tempo (divulgação do projeto na mídia); Instituto Municipal de Trânsito – Manaus-trans (palestras para professores na escola, oficina com arte-educadores para os alunos, acompanhamento dos agentes de trânsito nas campanhas e caminhadas educativas pela comunidade e doação de material de divulgação sobre educação para o trânsito); Departamento de Trânsito – Detran (doação de material de divulgação sobre educação para o trânsito e temas educacionais fornecidos no site da instituição).

O trabalho de **Rozecrei** oferece mais um exemplo:

Palestra sobre transmissão, contaminação e sintomas da doença, com profissional da Secretaria de Saúde responsável pelo Departamento de Vigilância Ambiental e Epidemiológica do município.

As saídas da turma para realizar atividades externas, como encontrar uma “autoridade” no assunto, visitar uma exposição, observar o entorno ou mesmo entrevistar moradores da localidade constituem importantes oportunidades para a ampliação cultural, aspecto fundamental na formação de sujeitos críticos. Vários projetos envolveram esse tipo de atividade.

Regina Maria organizou diversas saídas: Biblioteca Pública, Museu de Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC), Parque Eduardo Gomes, Feira Multidisciplinar das Escolas Municipais, Museu do Automóvel da Universidade Luteraana do Brasil (Ulbra); visitação à internet.

No projeto de **Mara Aparecida**, a turma visitou locais como Museu José Antônio Pereira e Parque Prosa; tour pela cidade para comparar o passado com o presente, avaliando o homem como agente transformador do meio.

Ler e escrever: um procedimento essencial

A despeito da enorme variedade temática, uma das características comuns à maioria dos trabalhos premiados é o enfoque e a importância atribuída às atividades de leitura e escrita. O desenvolvimento de qualquer projeto envolve, por exemplo, a leitura de materiais durante as etapas de pesquisa, a produção de textos e de relatórios de atividade, a transcrição de entrevistas e uma série de outras ações.

PROFESSORA

Regina Maria Schein dos Santos

TÍTULO DO PROJETO

O mundo dos brinquedos e os brinquedos do mundo

ESCOLA

Escola Municipal de Ensino Fundamental Assis Brasil

LOCAL

Canoas (RS)



PROFESSORA

Mara Aparecida Manzoli Caldeira

TÍTULO DO PROJETO

Fazendo arte para contar a história

ESCOLA

Centro de Recreação e Educação Infantil Desembargador Milton Malulei

LOCAL

Campo Grande (MS)



Cada tema tem sua relevância, mas leitura e escrita permeiam nosso dia a dia – no bilhete que deixamos para alguém querido, no contato com livros e revistas, na identificação de um ônibus, na preparação de uma receita culinária, no envio de e-mails ou mensagens por aplicativos de comunicação, enfim, em várias atividades de nossa rotina. A leitura, além de importante para a aquisição de conhecimento, é fundamental para a formação e inserção do cidadão na sociedade, uma vez que oferece recursos para se expressar e compreender melhor o mundo.

Maria do Socorro enfatiza a importância da leitura com muita clareza:

(...) entende-se que é necessário que a escola trabalhe com o objetivo de tornar a leitura uma prática social em seu contexto. Os alunos precisam compreender que é preciso ler, ler bem e muito, para entender o mundo a sua volta. A leitura precisa estar muito presente na sala de aula, para desempenhar um papel importante na imaginação das crianças, e o professor, como mediador do conhecimento, deve gostar de ler e acreditar na leitura para estimular seus alunos à prática constante. Assim, os livros precisam ficar em um lugar ao qual todos tenham fácil acesso. “Só se aprende a ler – a ler de verdade, não meramente a decifrar letras, sílabas e palavras – em ambientes nos quais se lê. Ou seja, o desenvolvimento da leitura só ocorre se a criança interagir com leitores maduros que, lendo com ela e para ela, lhe permitem familiarizar-se com a atividade de leitura, envolver-se e desenvolver-se nela” (MEC, Histórias e histórias, 2001, p. 26). A prática da leitura é um fator que deve ser realizado principalmente na sala de aula; os alunos devem ser expostos a situações de leitura, para eles aprenderem a gostar de ler e querer ler. A criança deve

PROFESSORA

Maria do Socorro Fragoso Alves

TÍTULO DO PROJETO

Parceiros na leitura

ESCOLA

Escola Municipal
Monteiro Lobato

LOCAL

Palmas (TO)



ter acesso ao maior número possível de textos, revistas, literatura clássica, livros paradidáticos, jornal, gibi, entre outros, para aprender a visualizar e familiarizar-se com o universo das letras, transformando em qualidade a relação textual com o mundo do leitor. Ler, antes de tudo, é descobrir, é expandir horizontes, porém ler apenas como decifrar códigos torna-se automatismo. A leitura deve ser encarada como um ato de prazer e deve ser instigada por pais, professores e meios de comunicação.

O destaque para a questão da leitura e escrita pode ser visto mesmo em projetos que trabalham com outros temas.

O objetivo principal do projeto de **Cristina** era o combate ao *bullying*. Ela descreve a seguir uma das etapas de seu trabalho:

Utilização da literatura infantil e do jornal para exploração da ficção/realidade. Dando continuidade à exploração do tema, realizamos a integração da leitura do jornal, sendo oportunizados momentos de manuseio do mesmo. No primeiro contato, foram promovidas atividades de manipulação e exploração da sua estrutura física (tamanho, páginas, cadernos, tipos de notícias, fotos etc.). Após o conhecimento da estrutura física, começamos a explorar as imagens.

Aprendizagem para todos

Como se vê, professor não é aquele que detém todo o conhecimento, mas alguém capaz de articular uma rede de saberes, de maneira organizada, gerando condições favoráveis para que os alunos exerçam seu potencial de aprendizado e desenvolvam

PROFESSORA

Cristina Pires Dias Lins

TÍTULO DO PROJETO

Unidos no controle da prática do *bullying* – Jornal, literatura, comunidade e cidadania, uma grande parceria!

ESCOLA

Escola Municipal Neil Fioravanti

LOCAL

Local: Dourados (MS)



suas habilidades e competências. No texto “Fazer da escola um lugar de aprendizagem para todos”, a educadora Rosaura Soligo reafirma isso:

SOLIGO, 2007.

Para que a escola possa se constituir e se consolidar como lugar de aprendizagem e de produção de conhecimento, portanto, é preciso que se converta em um contexto propício para relações interpessoais solidárias, trabalho coletivo e desenvolvimento profissional contínuo, apoiado no estudo, na reflexão sobre a prática, na discussão de situações-problema e respostas para ela, na investigação de questões relevantes para a comunidade escolar.

Síntese

Fica claro que são muitos os detalhes dessa viagem, assim como os cuidados a tomar ao longo do trajeto, observando sempre as condições apresentadas e a evolução dos trabalhos. O condutor deve manter sua atenção o tempo todo, aspecto fundamental para que os avanços ocorram.

Na análise do conjunto de relatos do Prêmio Professores do Brasil ao longo de suas 10 edições, identificaram-se algumas questões que podem auxiliar os professores no desenvolvimento das atividades quando ainda em curso.

- Depois de analisar os conhecimentos prévios de cada um dos alunos, é preciso desenvolver atividades que lhes permitam avançar em seus conhecimentos.

Os desafios propostos a meus alunos estão de acordo com as possibilidades de aprendizagem deles?

- Uma vez definidas as expectativas, deve-se planejar atividades que tenham como objetivo propiciar aprendizagens relacionadas a elas.

As atividades oferecidas lhes possibilitam aproximar-se de meus objetivos de ensino?

- Diversificar as formas de apresentar os conteúdos é uma estratégia a ser considerada.

Há atividades diversificadas que articulam diferentes competências e habilidades características de cada grupo de minha turma?

- O agrupamento dos alunos depende da intenção pedagógica da atividade; o mais importante é ter clareza dos ganhos possíveis na organização de grupos de trabalho.

Os agrupamentos dos alunos têm sido produtivos?

- Analisar a forma como os alunos desenvolvem cada atividade proposta amplia as possibilidades de aprendizagem.

O percurso proposto possibilita flexibilização de atividades e desvios de rota?

Tenho conseguido considerar o interesse e o envolvimento dos alunos?

Concluindo essa etapa, vimos que ao longo de todo o desenvolvimento das atividades cabe ao professor um olhar atento que identifique o processo de maturação de seus alunos e lhes ofereça situações didáticas desafiadoras para provocar a construção do conhecimento por meio da participação ativa.

Esse olhar atento pode ser traduzido por um sistema de avaliação contínuo que verifique a necessidade de ajustes e aproveite eventuais atalhos e oportunidades.

PLANEJAMENTO

1º passo (antes da sala de aula)

O que ensinar?

- Conhecer os documentos oficiais (PNE, Planos Estaduais e Municipais de Educação), BNCC, Currículos ou matrizes curriculares da rede de ensino na qual a escola está inserida.
- Em conjunto com a comunidade escolar, elaborar o PPB e o currículo escolar.

2º passo (na sala de aula)

O que ensinar para meus alunos?

- Definição de metas gerais de aprendizagem.

Para quem ensinar?

- Observação do grupo para identificação de questão mobilizadora e definição de tema/assunto.
- Definição de metas específicas de aprendizagem.
- Reflexão sobre as condições gerais de aprendizagem.

3º passo (na sala de aula)

Como ensinar?

- Desenvolver pesquisas sobre o tema.
- Definir estratégias de ensino.
- Conhecer diferentes formas de trabalhar com conteúdos similares nas salas de aula.
- Organizar cada etapa do trabalho que será desenvolvido com os alunos.

Divulgar boas práticas de ensino é um importante objetivo do Prêmio!

DIAGNÓSTICO

- Selecionei quais conteúdos para a investigação inicial?
- Organizei atividades objetivas?
- Considerei a possibilidade de utilizar diferentes estratégias e instrumentos?
- Registre os resultados?

DESENVOLVIMENTO

- Os desafios propostos aos alunos estão de acordo com suas possibilidades de aprendizagem?
- As atividades oferecidas possibilitam aos alunos aproximarem-se dos objetivos de ensino do professor?
- Há atividades diversificadas que articulem diferentes competências e habilidades características de cada grupo de alunos?
- Os agrupamentos dos alunos têm sido produtivos?
- O percurso proposto possibilita flexibilização de atividades e desvios de rotas?
- Tenho conseguido considerar o interesse e o envolvimento dos alunos?

AVALIAÇÃO

- As situações de avaliação dialogam com as metas de ensino e com meus registros sobre os conhecimentos prévios dos alunos?
- Consigo efetivar um sistema de avaliação contínuo e permanente?
- As situações de avaliação indicam o grau de assimilação pelos alunos, dos conceitos e informações trabalhados?
- Faço ajustes no percurso a partir dos resultados das avaliações?

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E DO PROCESSO EDUCATIVO



**O ideal da educação não
é aprender ao máximo,
maximizar os resultados,
mas é antes de tudo
aprender a aprender,
é aprender a se desenvolver
e aprender a continuar
a se desenvolver
depois da escola.**

Jean Piaget

***A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da filosofia –
Problemas da psicologia genética***



aspecto fundamental para saber de que maneira o processo de aprendizagem transcorreu, a avaliação diz respeito a um olhar que busca validar avanços e conquistas e identificar problemas e dificuldades enfrentados ao longo do período. Aprendizagem implica a reorganização dos conhecimentos preexistentes com novas informações e experiências. O papel do professor é justamente levantar os conhecimentos prévios de seus alunos e, então, planejar e desenvolver atividades que apresentem outros ângulos e modos de ver o mundo e os temas explorados segundo os objetivos propostos.

Esse movimento exige um esforço de compreensão e equilíbrio entre os saberes anteriores e os novos. Diante disso, é importante ter clareza de que o sistema de avaliação deve ser contínuo e permanente, de maneira que o professor identifique, o tempo todo, o grau de assimilação, pelos alunos, dos conceitos e informações trabalhados e promova ajustes em sua metodologia.

Além de enfatizar essa característica dinâmica, cabe também esclarecer que o processo de avaliação não tem como objetivo a seleção, promoção ou classificação dos estudantes. Trata-se, sim, de uma apreciação qualitativa de seu percurso no ambiente educativo, que considere os componentes sociais e culturais e o contexto em que cada aluno em particular e a turma como um todo estão inseridos.

Sobre isso, o professor Cipriano Luckesi afirma:

Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatório nem seletivo, ao contrário, é diagnóstico e inclusivo. O ato de examinar, por outro lado, é classificatório e seletivo e, por isso

LUCKESI, 2002.

mesmo, excludente, já que não se destina à construção do melhor resultado possível; tem a ver, sim, com a classificação estática do que é examinado. O ato de avaliar tem seu foco na construção dos melhores resultados possíveis, enquanto o ato de examinar está centrado no julgamento de aprovação ou reprovação. Por suas características e modos de ser, são atos praticamente opostos; no entanto, professores e professoras, em sua prática escolar cotidiana, não fazem essa distinção e, deste modo, praticam exames como se estivessem praticando avaliação.

Essa situação, de enfatizar a avaliação como instrumento inerente ao ato educativo e não como exame discriminatório, deve ocorrer em todos os níveis escolares. De acordo com o documento *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica* (BRASIL, 2013), o objetivo primordial da avaliação é garantir que todos os alunos aprendam, assumindo as consequências de seus resultados no plano didático, na revisão do planejamento e no desenho de novas estratégias de ensino e dando acompanhamento pedagógico àqueles que precisam.

Ao professor compete a avaliação da aprendizagem que

BRASIL, 2013, p. 51.

tem como referência o conjunto de habilidades, conhecimentos, princípios e valores que os sujeitos do processo educativo projetam para si de modo integrado e articulado com aqueles princípios e valores definidos para a Educação Básica, redimensionados para cada uma de suas etapas.

A avaliação do desenvolvimento dos estudantes é algo que precisa ser observado desde a Educação Infantil. Sobre isso, o documento “Educação Infantil: subsídios para construção de uma sistemática de avaliação”, elaborado por um grupo de trabalho do Ministério da Educação, menciona:

Propõe-se como perspectiva a construção de uma sistemática de avaliação da educação infantil, o que supõe assumir a avaliação não como atividade pontual, mas sim como processo. Como tal, requer o delineamento de atividades inter-relacionadas que garantam um fluxo de produção de informações, análise, julgamento e decisões que apoiem continuamente a execução das políticas e programas.

Situa-se, assim, a avaliação como atividade inerente à execução das políticas e programas, com potencial de produção de efeitos e de contribuição aos gestores do programa, coordenadores, docentes e beneficiários de suas ações, por meio de subsídios que apoiem o seu contínuo aprimoramento.

Nos relatos vencedores do Prêmio Professores do Brasil encontram-se diferentes maneiras de conceituar o processo avaliativo que corroboram o que dizem os especialistas e documentos do governo federal.

Vejamos o comentário de **Claudia** a respeito da avaliação:

Os alunos foram avaliados no decorrer de toda a sequência didática desenvolvida, considerando os aspectos diagnóstico e formativo inerentes à avaliação, de forma a valorizar os avanços conquistados por cada um em particular e pelo grupo como um todo, sempre primando pelos princípios éticos e democráticos que alicerçaram todo o trabalho realizado. Para tanto, as formas de avaliação foram diversas: questionários, pesquisa de opinião, participação em dinâmicas de grupo, valorização e utilização do conhecimento adquirido em prol de melhorias na comunidade em que estão inseridos, busca de estratégias e caminhos diferentes para resolução de situações do dia a dia e posicionamento diante de situações polêmicas abordadas.

BRASIL, 2012, p. 11.

PROFESSORA

Claudia Mariano da Silva Alvares

TÍTULO DO PROJETO

Pequeno cidadão,
grande transformação

ESCOLA

Escola Municipal
de Ensino Fundamental
Professor Antônio Ribeiro

LOCAL

Marília (SP)



Claudia também considerou a participação dos alunos como atitude a ser valorizada.

Um olhar panorâmico

No conjunto de relatos analisados, percebe-se que, quando se trata de avaliação, muitos professores observam mudanças em relação às representações que os estudantes ou familiares têm de si mesmos ou do território em que vivem. Há também várias observações sobre avaliação do sucesso, ou adequação, do produto final desenvolvido pelo grupo de alunos.

O depoimento de **Lenise**, a seguir, reforça a ideia de que a avaliação não se limita a classificar ou selecionar alunos, pois a educação lida, entre outras variáveis, com conteúdos não quantificáveis, como assimilação de valores ou atitudes:

Ao longo deste projeto observamos mudanças positivas nos sujeitos envolvidos. As crianças demonstram maior autonomia em suas ações, autoconfiança diante dos desafios, sentindo-se sujeitos ativos, pois percebem que suas opiniões e experiências são valorizadas pelos adultos. Outro aspecto de grande importância é a disseminação da cultura do brincar pelas próprias crianças, as quais se sentem motivadas a sair do lugar de quem apenas aprende, para o lugar de quem também ensina. Os pais sentem-se valorizados ao saber que seus conhecimentos contribuem para a perpetuação da cultura infantil e ao mesmo tempo são responsáveis pelo desenvolvimento da aprendizagem das crianças, tornando-se assim mais atuantes dentro da escola. Eles passaram a compreender melhor a proposta pedagógica, reconhecendo que através da brincadeira a criança também aprende.

PROFESSORA

Lenise Sampaio Ribeiro

TÍTULO DO PROJETO

Brincar: novos tempos,
novos olhares

ESCOLA

Centro Municipal de
Educação Infantil Cid Passos

LOCAL

Salvador (BA)



Dizer que o projeto possibilitou maior autonomia e autoconfiança às crianças é considerar aspectos subjetivos como resultado do processo educativo. Na mesma direção, significa levar em conta o aspecto relacional implícito na cena escolar – as relações professor-aluno, entre os educandos e entre a instituição e as famílias –, assim como transformações no comportamento das crianças e adolescentes.

Catiane, que já teve trecho de seu relato apresentado no capítulo anterior (p. 63), traz alguns elementos que refletem os resultados do trabalho:

O projeto foi de grande importância e de visível transformação na comunidade escolar, na equipe gestora, nos funcionários, pais e comunidade vizinha. Houve uma significativa mudança nas atitudes das crianças e dos pais com relação à destinação do lixo em suas residências. Agora, em vez de serem jogados no igarapé, alguns são reaproveitados e outros são armazenados em sacos plásticos para serem recolhidos pela coleta pública.

O relato nos leva a enxergar as ações dos professores inseridas em um plano maior, o do projeto político-pedagógico da escola. Nesse sentido, foi interessante observar que alguns dos projetos premiados ao longo das 10 edições do Prêmio Professores do Brasil provocaram mudanças institucionais em diversos níveis, como a incorporação de um planejamento específico à grade curricular da unidade, a modificação da maneira de receber pais e familiares no dia a dia da escola ou, ainda, alterações estruturais no espaço e rotina da escola para viabilizar ações inovadoras.

PROFESSORA

Catiane da Silva Sarah

TÍTULO DO PROJETO

Defensores do planeta

ESCOLA

Escola Estadual de Ensino Infantil São Francisco

LOCAL

Cruzeiro do Sul (AC)



Registrar para dialogar, documentar e validar o percurso educativo

Como processo dinâmico que é, a avaliação articula-se com outro processo, o do registro e documentação das práticas no cotidiano do trabalho pedagógico. Em conjunto, observação e reflexão sobre a prática apoiam-se nos registros para identificar elementos fundamentais para o desenvolvimento de um planejamento, em um movimento que se retroalimenta. Também por essa razão, a avaliação deve ocorrer durante todo o processo. Os projetos apresentados no capítulo “Três projetos completos” (p. 93) explicitam esse olhar analítico constante.

Imprimir a própria marca/autoria em um trabalho realizado coletivamente e reunir os diferentes conhecimentos construídos ao longo do caminho para criar algo novo ao final é um desafio considerável para alunos de todas as idades.

Ao seguir uma metodologia própria do campo científico, **Fernando**, cujo projeto já foi citado no capítulo sobre diagnóstico dos saberes dos alunos (p. 49), propôs aos alunos do Ensino Médio a produção de diários de bordo com um duplo propósito: embasar a elaboração posterior de relatórios de pesquisa e permitir o acompanhamento do professor por meio da leitura semanal dos registros e retorno, por escrito, com indicação das principais questões observadas.

Escrever devolutivas para as produções é uma boa estratégia por comunicar aos estudantes a presença de um leitor atento e interessado permanentemente em seus passos. Esse apoio é fundamental para o estabelecimento de uma relação de confiança mútua.

PROFESSOR

Fernando Nunes de Vasconcelos

TÍTULO DO PROJETO

Tecendo Ciência

ESCOLA

Escola Estadual de Educação
Profissional Júlio França

LOCAL

Bela Cruz (CE)



Considerando que aprender é reestruturar o sistema de compreensão, e entendendo que essa reestruturação exige grande esforço cognitivo para que o equilíbrio rompido seja restabelecido, observamos a importância do olhar individualizado, da validação das conquistas, do reconhecimento das dificuldades e da oferta de ajuda sempre que necessário. ZELMANOVITS, 2017.

Após tantos esforços, chega o momento de organizar o conhecimento construído, elaborar os produtos finais e compartilhá-los em grande estilo. Quando os alunos sabem que suas criações serão publicadas (ou expostas) e apreciadas por quem está fora das paredes da sala de aula, sua responsabilidade por fazer o melhor que podem tende a aumentar.

Ronaldo tinha como objetivo valorizar a cultura da comunidade em que a escola está inserida. Para isso, desenvolveu um projeto interdisciplinar em que os alunos deviam pesquisar a origem de alguns dos hábitos da população local:

A criação de vídeos com os temas e conceitos estudados exigiu análises da programação televisiva para a produção de gêneros diversos e atenção especial aos destinatários das produções: outros jovens do Ensino Médio que quisessem aprender mais sobre Filosofia. Praças da cidade se tornaram espaço de debate como na Grécia Antiga. Familiares, vizinhos, transeuntes, políticos, bombeiros, policiais se transformaram em entrevistados ou personagens.

Com o objetivo principal de reconhecer na Estatística uma ciência capaz de promover uma transformação social, além de alcançar os alunos envolvidos, o trabalho de **Fernanda** impactou também o público externo, como indica o excerto do relato premiado em 2009:

PROFESSOR

Ronaldo de Almeida Macedo

TÍTULO DO PROJETO

Minhas raízes para nunca mais esquecer

ESCOLA

Escola Municipal Leôncio Horácio de Almeida

LOCAL

Anguera (BA)



PROFESSORA

Fernanda Diniz da Silva

TÍTULO DO PROJETO

Estatística na escola: ferramenta de transformação social

ESCOLA

Centro de Ensino Parsondas de Carvalho

LOCAL

Sítio Novo (MA)



Tomou-se então a iniciativa da divulgação dos trabalhos na rádio local, visando à apresentação dos resultados obtidos para toda a comunidade.

Embora tenhamos relevado até agora a ideia de que a avaliação não é fundamentalmente quantitativa, é importante lembrar que esse tipo de avaliação tem sua função se considerada como um diagnóstico positivo, quer dizer, se utilizada como mola propulsora para uma ação transformadora.

Em 2003, os alunos do 3º ano do Ensino Médio foram mal avaliados em redação no Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp). Esse resultado moveu

Wagner a:

[...] propor uma ação pedagógica que encarasse a escrita não como atividade obrigatória, mas como prática significativa e prazerosa para os alunos e também para mim, professor. Era urgente propor uma ação concreta para promover o sucesso de meus alunos.

Essa iniciativa desencadeou um projeto que durou vários anos, elaborado em duas fases – desenvolvimento de atividades voltadas para a escrita e o aperfeiçoamento da redação e sua incorporação ao currículo da escola –, desembocando em uma mudança radical no resultado do mesmo sistema de avaliação alguns anos depois:

No Saresp 2008, obtivemos um dos mais expressivos resultados em produção textual no boletim da escola divulgado pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo: apenas 1,6% de nossos alunos tiveram suas redações consideradas insatisfató-

PROFESSOR

Wagner Garcia Siqueira

TÍTULO DO PROJETO

Projeto “Penso, logo escrevo”

ESCOLA

Escola Estadual Professora
Ruth Cabral Troncarelli

LOCAL

São Paulo (SP)



rias nesse exame. Somando-se os níveis básico, adequado e avançado, alcançamos a marca de 98,4% de desempenho satisfatório nos textos produzidos, números que atestam a viabilidade e o impacto do projeto na formação dos alunos.

De volta às metas de aprendizagem

Ainda que esse olhar panorâmico relacionado aos resultados do projeto seja importante e possibilite reflexões acerca dos ajustes necessários no trabalho do professor, é essencial garantir a avaliação da aprendizagem de cada um dos alunos.

Esse é o momento de rever os objetivos, expectativas e metas de ensino enfatizados no capítulo sobre planejamento (p. 31). Ao retomar essa informação e relacioná-la aos conhecimentos prévios dos alunos, o professor terá mais condições de fazer uma avaliação objetiva das aprendizagens. Ter clareza desse processo, que se retroalimenta, é parte fundamental de uma boa prática docente, ainda que pouquíssimos relatos de trabalhos finalistas do Prêmio Professores do Brasil explicitem o tripé “metas de ensino – diagnóstico dos saberes dos alunos – avaliação das aprendizagens”.

Nessa fase da avaliação, diferentes instrumentos podem ser utilizados para observar o avanço dos estudantes. No entanto, não há uma definição acerca do instrumento “certo ou errado” para cada situação específica, e sim a percepção do professor quanto ao mais adequado para cada finalidade. Tampouco existe um mecanismo que detecte e reflita na totalidade o desenvolvimento dos alunos, mas pautas e registros que ajudam o docente a acompanhar, em toda a sua complexidade, o aprender.

Em momento algum deve-se perder de vista que o objetivo prioritário do processo avaliativo é documentar e validar o percurso educativo e não julgar ou testar os estudantes. Para enfatizar isso, recorreremos novamente ao professor Luckesi:

LUCKESI, 2002.

Vale a pena trazer à cena a expressão “instrumentos de avaliação”, utilizada com o significado de testes, provas, redações, monografias etc. Esses instrumentos são os recursos utilizados para proceder à avaliação, ou seja: (1) modos de constatar e configurar a realidade; (2) critérios de qualidade a serem utilizados no processo de qualificação da realidade; (3) procedimentos de comparação da realidade configurada com os critérios de qualificação preestabelecidos. Testes, provas, questionários, redação, arguição, entre outros, de fato são instrumentos de coleta de dados para subsidiar a constatação (ou configuração) da realidade, que, por sua vez, permitirá a sua qualificação, qualificação da realidade descrita, centro da atividade de avaliar. Com isso, queremos lembrar que, cotidianamente, confundimos instrumentos de coleta de dados com instrumentos de avaliação, o que dificulta ainda mais as tentativas de superação do equívoco de praticar exames e chamá-los de avaliação. As provas, que são os instrumentos dos exames, passaram, direta e imediatamente, a ser denominadas instrumentos de avaliação. Trata-se, no entanto, de uma inadequação que automaticamente repetimos.

Síntese

Dentre os relatos dos professores premiados, as intervenções mais positivas no que tange à avaliação são aquelas que consideram o contexto e as especificidades de cada aluno, turma ou unidade de ensino e se apresentam sempre com o obje-

tivo de contribuir e alimentar os estudantes para que possam superar dificuldades e avançar.

As questões que um professor pode fazer ao avaliar são:

- Para avaliar a aprendizagem dos alunos é preciso ter clareza do que se quer ensinar, das expectativas de aprendizagem e do que os alunos já sabem.

As situações de avaliação dialogam com as metas de ensino e com meus registros sobre os conhecimentos prévios dos alunos?

- Ainda que a sistematização dos resultados de aprendizagem aconteça em momentos específicos, é importante desenvolver instrumentos de análise da aprendizagem contínuos.

Conseguo efetivar um sistema de avaliação contínuo e permanente?

- Os instrumentos de avaliação empregados nos momentos de sistematização precisam possibilitar uma análise do que os alunos aprenderam.

As situações de avaliação indicam o grau de assimilação, pelos alunos, dos conceitos e informações trabalhados?

- É importante lembrar que avaliar é parte do planejamento das próximas etapas.

Faço ajustes no percurso com base nos resultados das avaliações?

Quando se inclui a avaliação na imagem do percurso, percebe-se como os passos precisam se relacionar e se retroalimentar.

PLANEJAMENTO

1º passo (antes da sala de aula)

O que ensinar?

- Conhecer os documentos oficiais (PNE, Planos Estaduais e Municipais de Educação), BNCC, Currículos ou matrizes curriculares da rede de ensino na qual a escola está inserida.
- Em conjunto com a comunidade escolar, elaborar o PPB e o currículo escolar.

2º passo (na sala de aula)

O que ensinar para meus alunos?

- Definição de metas gerais de aprendizagem.

Para quem ensinar?

- Observação do grupo para identificação de questão mobilizadora e definição de tema/assunto.
- Definição de metas específicas de aprendizagem.
- Reflexão sobre as condições gerais de aprendizagem.

3º passo (na sala de aula)

Como ensinar?

- Desenvolver pesquisas sobre o tema.
- Definir estratégias de ensino.
- Conhecer diferentes formas de trabalhar com conteúdos similares nas salas de aula.
- Organizar cada etapa do trabalho que será desenvolvido com os alunos.

Divulgar boas práticas de ensino é um importante objetivo do Prêmio!

DIAGNÓSTICO

- Selecionei quais conteúdos para a investigação inicial?
- Organizei atividades objetivas?
- Considerei a possibilidade de utilizar diferentes estratégias e instrumentos?
- Registre os resultados?

DESENVOLVIMENTO

- Os desafios propostos aos alunos estão de acordo com suas possibilidades de aprendizagem?
- As atividades oferecidas possibilitam aos alunos aproximarem-se dos objetivos de ensino do professor?
- Há atividades diversificadas que articulem diferentes competências e habilidades características de cada grupo de alunos?
- Os agrupamentos dos alunos têm sido produtivos?
- O percurso proposto possibilita flexibilização de atividades e desvios de rotas?
- Tenho conseguido considerar o interesse e o envolvimento dos alunos?

AVALIAÇÃO

- As situações de avaliação dialogam com as metas de ensino e com meus registros sobre os conhecimentos prévios dos alunos?
- Consigo efetivar um sistema de avaliação contínuo e permanente?
- As situações de avaliação indicam o grau de assimilação pelos alunos, dos conceitos e informações trabalhados?
- Faço ajustes no percurso a partir dos resultados das avaliações?

TRÊS PROJETOS COMPLETOS



Bebês protagonistas

O ambiente havia sido preparado com cuidado e organização. O gramado do pequeno parque havia sido coberto por um tapete plastificado e latas de tintas guache de diferentes cores espalhavam-se pelo espaço, algumas abertas, outras fechadas. Havia pincéis de cerdas delicadas à mão, e uma parede de azulejos brancos que convidava à brincadeira. Foi para esse ambiente instigante que a professora Mariana Coral e suas três assistentes – uma a mais do que o habitual, destacada para atender a uma criança com necessidades especiais – levaram os 16 bebês de sua turma de Berçário 1 do Centro de Educação Infantil (CEI) Luiza Maria Veiga, em Joinville, cidade de meio milhão de habitantes no nordeste de Santa Catarina. Difícil dizer quem estava mais fascinado com a pequena experiência – as professoras ou as crianças, com idades entre 3 meses e 1 ano.

Como reagiriam os bebês? Saberiam o que fazer com a tinta e os pincéis? As professoras haviam combinado nada dizer, para não limitar nem direcionar os movimentos dos pequenos.

Era maio de 2013, um mês excepcionalmente quente para os padrões de Joinville. Para tornar a brincadeira mais confortável, as professoras deixaram os bebês apenas de fralda. Alguns poucos, que já engatinhavam ou andavam, logo se

PROFESSORA

Mariana Coral

TÍTULO DO PROJETO

A criança como coautora no processo ensino-aprendizagem a partir de elementos da natureza

ESCOLA

Centro de Educação Infantil
Luiza Maria Veiga

LOCAL

Joinville (SC)

CATEGORIA EM QUE VENCEU

Creche



PLANEJAMENTO*

PLANEJAMENTO

* Indicamos ao longo dos três relatos deste segmento os pontos onde é possível identificar as etapas do percurso de boas práticas em sala de aula sugerido nos capítulos anteriores.

DIAGNÓSTICO

apropriaram do espaço. Aproximavam-se das latas, enfiavam as mãozinhas na tinta e lambuzavam alegremente o próprio corpo. Em silêncio, a professora Mariana aproximou-se da parede de azulejos, pegou pincel e tinta e começou a pintar. Dois bebês a seguiram, produzindo sensações de maravilhamento nas crianças maiores da escola, que pararam para observar os bebês. “Eles sabem pintar!”, exclamavam os “grandes”. Naturalmente, havia pequenos mais reservados, que escolheram não brincar – e tudo bem, já que a proposta da equipe de professoras era respeitar seu desejo, sua capacidade e sua autonomia. Ao final da brincadeira, banho de mangueira e muita diversão com água.

DESENVOLVIMENTO

“*Muita gente ainda pensa que as atividades para os bebês em uma unidade escolar devem se limitar ao sono e à alimentação, mas acredito firmemente que as intenções pedagógicas podem existir mesmo dentro do berçário, sempre respeitando a maneira e a vontade das crianças*”, acredita Mariana. Seu projeto para bebês do CEI Luiza, intitulado “A criança como coautora no processo ensino-aprendizagem”, foi reconhecido pelo Prêmio Professores do Brasil em sua edição 2015 na categoria “Creche”, que estreava naquele ano. “Os bebês me levaram para tão longe!”, admira-se a professora. “Imagine, um trabalho de berçário reconhecido nacionalmente!”

DIAGNÓSTICO

O projeto nasceu da inquietação de Mariana em relação ao confinamento dos bebês em uma sala de aula durante toda a longa jornada no CEI. De 7 da manhã às 6 da tarde, os bebês da turma de Berçário 1 permaneciam fechados em um mesmo ambiente, sem interagir com as outras crianças da unidade, exceto em poucos momentos no solário. A professora se perguntava por que eram privados de explorar os demais espaços do CEI. E espaços havia: fundado fazia mais de 30 anos em um bairro central da cidade, o CEI Luiza dispunha de seis salas de

DIAGNÓSTICO

O projeto nasceu da inquietação de Mariana em relação ao confinamento dos bebês em uma sala de aula durante toda a longa jornada no CEI. De 7 da manhã às 6 da tarde, os bebês da turma de Berçário 1 permaneciam fechados em um mesmo ambiente, sem interagir com as outras crianças da unidade, exceto em poucos momentos no solário. A professora se perguntava por que eram privados de explorar os demais espaços do CEI. E espaços havia: fundado fazia mais de 30 anos em um bairro central da cidade, o CEI Luiza dispunha de seis salas de

aula, uma biblioteca e um salão de eventos; na área externa, um parque gramado, um solário, uma “vila de imaginação”, que reproduzia uma cidadezinha, uma miniquadra, lago e jardim. Mas o que poderiam, ela e seu grupo de auxiliares, propor às crianças?

Foram buscar inspiração longe: nas experiências de Reggio Emilia, cidade no norte da Itália que se tornou referência em Educação Infantil após a Segunda Guerra Mundial. Os moradores do lugar, semidestruído pelos bombardeios, iniciaram a reconstrução pelo que consideravam a base de qualquer sociedade: a educação, e desde a idade mais tenra. As creches e pré-escolas de Reggio Emilia notabilizaram-se pelo envolvimento da comunidade e da família na aprendizagem, além da ampla valorização das artes como ferramenta de ensino. Um jovem pedagogo italiano, Loris Malaguzzi, conheceu o movimento dos moradores e juntou-se a ele, compondo o poema “As cem linguagens das crianças”, que viria a sintetizar os ideais de Reggio Emilia. Para o teórico,

*“A criança tem
uma centena de línguas
(E cem cem cem mais)
mas eles roubam 99
A escola e a cultura
ao separar a cabeça do corpo”(...)¹*

“Durante nosso projeto, o tempo todo, queríamos que as crianças utilizassem as ‘cem linguagens’. Falassem com os olhos,

1. Revista *Bambini*, Bergamo, ano X, n. 2, fev.1994. Tradução do original italiano de Ana Lúcia Goulart de Faria, Maria Carmem Barbosa e Patrizia Piozzi.

PLANEJAMENTO

com o corpo, por meio de gestos e das mãos, enquanto nós estaríamos prontas a fazer uma escuta atenta do que estavam nos dizendo, cada uma à sua maneira”, explica a professora Mariana.

PLANEJAMENTO

Uma vez definido o marco teórico, a equipe definiu o tema: explorar e descobrir os elementos da natureza. Organizaram então uma sequência de trabalho que, além de envolver as crianças no processo de aprendizagem, considerava fundamental a participação das famílias. O projeto pretendia valorizar a criança como sujeito único, potente, capaz, pensante, autônomo e histórico – no sentido de protagonista da própria história. Mesmo que tivesse apenas 12 meses de vida.

Inicialmente, foi preciso vencer a resistência da própria equipe. Em muitos momentos, a professora do Berçário 1 ouvia de outras colegas e mesmo de assistentes do CEI que “os bebês eram muito pequenos, não vão entender o que é para fazer”. *“Eram comentários que desconsideravam o grande potencial dos bebês, mas que nos impulsionavam a buscar sempre mais para ampliar o repertório das crianças. Porém, a partir do momento em que começamos o projeto e todos viram a interação deles, as dúvidas se dissiparam.”*

DESENVOLVIMENTO

A intenção pedagógica da professora esteve clara desde o primeiro instante: apresentar aos bebês diferentes elementos que nunca tinham sido ofertados naquele berçário, abrindo caminho para novos aprendizados. Ela utilizou folhas, pedras, plantas, água – muita água, em várias temperaturas –, tintas comestíveis (preparadas na própria escola à base de vegetais), sucata, frutas, verduras, giz de cera, bolas, a própria grama do jardim; materiais e objetos que, em sua simplicidade, ofereciam uma infinidade de descobertas e possibilidades.

Em harmonia com o espírito de Reggio Emilia, era também necessário trazer as famílias para o projeto. Mariana esta-

va profundamente consciente da insegurança dos pais que, todos os dias, entregavam seu maior tesouro a pessoas que pouco conheciam os bebês e apenas começavam a se familiarizar com seus hábitos de sono ou com o som de seu choro. Convidados a participar de atividades do dia a dia com os bebês e integrados ao projeto por meio de reuniões frequentes, as famílias, pouco a pouco, **construíram com os educadores uma relação de confiança e afeto.** ***“Começaram a nos perceber como parceiros e a ver o CEI não somente como um lugar de cuidado, mas também como um ambiente de ricas e significativas vivências”***, explica a professora.

AVALIAÇÃO

Do início de 2013 a maio de 2014, período em que vigorou o projeto concebido por Mariana Coral e sua equipe, os bebês da turma de Berçário 1 puderam **explorar todos os espaços da unidade.** Mariana descreve a experiência: ***“Demos comida para os peixinhos, ouvimos histórias na ponte sobre o lago, brincamos com gelo e bola na quadra. Montamos passarelas de plástico-bolha e observamos o encantamento dos bebês diante dos ruídos e das sensações proporcionados por esse material. Corremos, subimos, descemos e rolamos na grama do parque; exploramos as casinhas da vila da imaginação, brincando com motocas e visitando as ‘lojas’. Sentimos o perfume e a textura das flores do nosso jardim”***. O uso da primeira pessoa do plural é pleno de significado: não apenas as crianças brincaram e aprenderam, mas também suas professoras. ***“Estivemos disponíveis para dialogar e vivenciar com os bebês, colocando-nos também como sujeitos que aprendem, vivem e compartilham com o outro e, assim, juntos constroem história”***, descreve Mariana. Ela lembra ainda uma **brincadeira com tintas comestíveis**, preparadas com beterraba, cenoura, couve e repolho roxo. A ideia era voltar ao parque gramado, mas, como o dia amanheceu chuvoso e

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

frio, a atividade foi transferida para a sala do soninho. As tintas foram aquecidas em banho-maria, e os bebês, novamente, lambuzaram-se e provaram novos sabores.

O projeto, naturalmente, contemplou também os cuidados necessários ao bem-estar de crianças tão pequenas. Porém, mesmo esse cuidado era diferenciado para que, ainda que considerando seu caráter rotineiro, pudesse resultar em aprendizagens e experiências prazerosas. **“Percebemos que deveríamos fazer desses momentos algo não mecanizado, sem o ‘fazer pelo fazer’; algo com sentido e significado para as professoras e crianças.”** Os momentos do banho e da refeição, por exemplo, converteram-se em oportunidades de ampliar repertório. O até então tradicional banho pela manhã cedeu espaço a um divertido banho temático vespertino, com brinquedos e pétalas de flor. **“Tudo era pensado para transformar o tempo em que os bebês estavam no CEI em momentos agradáveis e significativos. Acredito que conseguimos!”**

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

AValiação

O grupo também fez um grande esforço para, sempre em alinhamento com os ensinamentos das escolas de Reggio Emilia, transformar o horário da refeição em vivência importante. Muitas vezes, o lanche na mesa foi substituído por um piquenique no parque. Porém, mesmo quando realizadas no refeitório, as refeições tinham intenções educativas. Com frequência, defende a professora Mariana, é no berçário que são introduzidos os diferentes sabores na rotina da criança; é ali que muitas aprendem a mastigar de maneira correta, manusear talheres e guardanapos e conquistam autonomia. Os pais não demoraram a perceber mudanças. “Eles nos diziam, ‘Agora meu filho quer tomar suco sozinho’ ou ‘O que vocês estão fazendo que meu bebê agora abre os armários e quer brincar com panelas?’”, relata Mariana.

Por ocasião do encerramento do projeto, as famílias foram convidadas a um passeio no Parque Jardim dos Hemerocallis, um ambiente dedicado ao cultivo dessa espécie (mas não só) em Joinville. Em um momento encantador, pais, bebês e professores sentaram-se em roda e compartilharam algumas das experiências vividas pelas crianças. “Um pai em especial deu um depoimento tocante”, relembra a professora. “Ele disse que, quando colocou a filha no CEI, estava preocupado com sua alimentação e com a adaptação; jamais imaginou que ela aprenderia tantas coisas.” Mariana lembra uma definição das Diretrizes Curriculares Nacionais, segundo a qual o espaço da Educação Infantil deve oportunizar às crianças diferentes vivências, diferentes linguagens, diferentes modos de agir e pensar. “Ou seja, o espaço da infância deve ser um espaço de vida, no qual escutamos as crianças em suas variadas formas de agir, pensar e interagir.”

AVALIAÇÃO

Avaliação e replicabilidade

O grupo manteve uma avaliação constante das aprendizagens dos bebês, mesmo com as previsíveis dificuldades de destacar o que cada um aprendeu. “Foi bastante complicado, visto que interpretávamos suas ações e reações. No entanto, pensamos que a aprendizagem aconteceu o tempo todo. Cada experiência envolvia uma pesquisa por parte da criança e trazia uma descoberta.” Isso foi verdade também para o grupo envolvido no projeto, que, da mesma maneira que os pequenos, colocou-se na posição de pesquisador para oferecer desafios e “provocações” aos bebês. Os resultados eram compartilhados com outros professores da unidade, com a direção e com os

AVALIAÇÃO

pais, e ainda anotados em registros diários cuja intenção era refletir sobre cada prática. A professora Mariana observou uma clara transformação nas crianças que participaram do projeto. ***“Claro que houve uma maturidade biológica, natural, mas percebemos que as crianças compreendiam o que poderiam fazer, desde que o espaço estivesse organizado. Pouco interferíamos, pois elas sabiam que tinham que tirar a tampa da canetinha, desenhar, fechar a tampa. Ganharam maior autonomia para realizar pequenas tarefas, como alimentar-se, e eram mais tranquilas, diferentemente do que se observa de modo habitual em berçários.”***

O Prêmio Professores do Brasil do Ministério da Educação, que em 2017 chegou a sua 10ª edição, valoriza a replicabilidade dos projetos inscritos, e este, por ser simples e flexível, é pleno de possibilidades de adoção em outras creches, com adaptações pertinentes a cada grupo de crianças e suas características. ***“Para que isso aconteça, basta o professor estar disposto a aprender com as crianças, a lambuzar-se com elas, a perceber com cada uma a beleza das flores, os aromas e as cores do mundo”***, acredita a professora.

O que aconteceu depois?

Mariana Coral despediu-se do projeto “A criança como co-autora no processo ensino-aprendizagem” em maio de 2014, quando se afastou do CEI Luiza Maria Veiga para dar à luz sua segunda filha, Sofia, hoje com 3 anos. Ela também é mãe de Gabriel, de 7 anos. Desde 2016 atua como diretora no CEI Fátima, em Joinville. Ainda não pôde aplicar sua experiência com bebês na nova escola, que atende apenas em tempo parcial, diferentemente da creche anterior, que acolhia crianças

em período integral. “Porém, levei para o CEI Fátima a minha observação de que criança é sujeito, plena de potencial, e que precisa pertencer ao espaço da escola. Em meu novo desafio profissional, já vejo um avanço pedagógico que é fruto das vivências que construí anteriormente.”

No CEI Luiza Maria Veiga, o projeto teve continuidade, como explica a diretora, Simone Cidral Stringari: “Nossos bebês são levados a outros ambientes da creche, convivem com a natureza, brincam com tintas e flores e divertem-se com outras crianças. Entendemos que isso é importante para o desenvolvimento deles”.

MARIANA CORAL é formada em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil. Atuou por 10 anos no magistério e há dois é diretora do CEI Fátima em Joinville (SC), para onde foi depois do CEI Luiza Maria Veiga, onde desenvolveu o projeto “A criança como coautora no processo de ensino-aprendizagem”.

Enquanto a chuva não vem

Será que vai chover? Essa pergunta, tão frequente e cotidiana na vida dos brasileiros, tem o poder de definir destinos e perspectivas no semiárido nordestino. Tanto é assim que, para responder a ela, os moradores da zona rural de Pau dos Ferros, cidade de 28 mil habitantes no Alto Oeste do Rio Grande do Norte, sistematizaram todo um conhecimento ancestral sobre a previsão do tempo. **“Tem algo de místico e também um pouco de esperança nesses saberes, mas o grau de acerto é bom”**, atesta Francisca Deusineide dos Santos Nasario, professora da Unidade de Ensino V Francelino Granjeiro.

Francisca opina sem qualquer sinal de misticismo. Seu comentário baseia-se na observação rigorosa dos ciclos de chuva de seu município, realizada pelos alunos de sua sala multiano. Durante seis meses, de janeiro a junho de 2015, a turma valeu-se de pluviômetros para medir quanto choveu, dia a dia, mês a mês, e comparar os resultados de sua pesquisa com as previsões dos trabalhadores do campo da comunidade, habituados à observação do céu e das estrelas. **“Na comparação entre os meses, a gente conseguiu comprovar o que nossos entrevistados previram. Foi verdade, eles acertaram”**, afirma a professora. Seu projeto, intitulado “A previsão das chuvas no campo à luz

PROFESSORA

Francisca Deusineide dos Santos Nasario

TÍTULO DO PROJETO

A previsão das chuvas no campo à luz do olhar do agricultor

ESCOLA

Unidade de Ensino V
Francelino Granjeiro

LOCAL

Pau dos Ferros (RN)

CATEGORIA EM QUE VENCEU

4º e 5º anos/Ciências da Natureza



DESENVOLVIMENTO

do olhar do agricultor”, de resgate e valorização das tradições da comunidade e estudos em torno de tais saberes, foi vencedor do Prêmio Professores do Brasil em 2015 na categoria 4º e 5º anos/Ciências da Natureza.

A professora nasceu em Tenente Ananias, cidade bem próxima à divisa com o estado da Paraíba, mas tinha familiares em Pau dos Ferros, a cerca de 50 quilômetros, e passava bastante tempo lá. Em suas andanças com os tios e primos, conheceu a escola Francelino e encantou-se com suas paredes caiadas e janelas elegantes. Avisou a uma tia que um dia ainda seria professora ali. O desejo virou meta e tornou-se realidade no final de 2011, quando, já formada em Pedagogia, foi chamada a dar aulas na Francelino depois de ser aprovada em concurso.

Era – e ainda é – uma escola pequena. Em 2015, abrigava duas turmas, uma de Educação Infantil, com 12 alunos, e outra multisseriada, também com 12 alunos, de 1º a 5º ano. Havia, sim, os desafios da precariedade de infraestrutura e material. **“Porém a receptividade das crianças... era como se tudo o que eu dissesse fosse maravilhoso”,** conta Francisca. **“Quando eu entrava na casa, no quarto de um aluno, em visita, descobria que nossos trabalhos escolares eram enfeites, pendurados nas paredes. Essa valorização do meu trabalho foi o que me deu forças para continuar.”** Em formações de professores oferecidas pelo município, ela se surpreendia com certo menosprezo dos colegas em relação aos alunos do campo. **“Falavam como se essas crianças estivessem aquém dos meninos da cidade. Mas, em sala de aula, eu via outra coisa: compromisso, vontade, valorização do aprendizado.”**

O projeto de Francisca começou a ser gestado em 9 de dezembro de 2013, quando a mãe de um estudante foi buscar o

filho na escola. **“Perguntei a ela se iria chover, e me respondeu que, com base na observação daquele dia, só podia me dizer como seria o mês de fevereiro do ano seguinte.”**

A professora não entendeu.

“Fiquei a interrogar aquela resposta e, no dia seguinte, pedi que a esclarecesse”, escreve ela no relato que submeu ao Prêmio Professores do Brasil. Soube, então, que o homem do campo da região de Pau dos Ferros prevê como será a estação chuvosa – que, ali, começa em janeiro e pode se estender até junho, em anos bons – com base na observação de seis dias de dezembro, de 8 a 13. Delimitado por dois dias santos importantes para a população local (em 8 de dezembro louva-se Nossa Senhora da Conceição e o dia 13 é consagrado a Santa Luzia), esse período, segundo a crença, traz pistas sobre como será a temporada de chuva no ano seguinte. **“Os antigos observam o céu no dia 8 de dezembro e ‘preveem’ as chuvas de janeiro, no dia 9, as de fevereiro e assim por diante”**, explica Francisca. Fascinada com a força dos saberes populares, ela decidiu levá-los para a sala de aula. **“Eu não sabia que o homem do campo tinha essa sistematização de observações. Compreendi então que ele sente, mas nós, na escola, teríamos que observar, pesquisar, anotar e comprovar a precisão desses saberes, estabelecendo comparações com a análise meteorológica de cunho científico e ampliando o universo de conhecimentos da comunidade escolar e de seu entorno.”**

Antes de sair em férias, naquele dezembro de 2013, a professora já avisou aos alunos que no ano seguinte fariam juntos um trabalho muito interessante. **“Durante o recesso, fui construindo um esboço mental de como seria o projeto”**, recorda Francisca, que se valeu das Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo, documento elaborado

PLANEJAMENTO

PLANEJAMENTO

pelo Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo do Ministério da Educação¹, para definir seus princípios pedagógicos, entre eles o da valorização dos diferentes saberes no processo educativo e o do lugar da escola vinculado à realidade dos sujeitos.

DESENVOLVIMENTO

O trabalho foi planejado no primeiro semestre de 2014 e executado entre agosto daquele ano e julho de 2015. Começou com a leitura de “A causa da chuva”, de Millôr Fernandes, uma fábula sobre como os animais percebem os efeitos da chuva, e com muita dança e canto ao som de “Previsão do tempo”, da Xuxa. O texto e a letra da música inspiraram muitos debates sobre a indecisão dos animais da fábula em relação ao tempo e a previsão que se ouve nos noticiários da televisão, encaminhando o debate para os conceitos de ciências e de senso comum. Como lição de casa, os alunos teriam de pesquisar como os “mais velhos” previam as chuvas e ilustrar o assunto ou escrever sobre ele, dependendo do ano em que estivessem – lembrando que era uma sala multisseriada.

DESENVOLVIMENTO

Quando os relatos chegaram, Francisca realizou um trabalho de reescrita textual, dependendo do grau de alfabetização de cada estudante, e o grupo combinou que observaria o tempo entre 8 e 13 de dezembro. Enquanto esses dias não chegavam, a professora planejou diversas atividades para conscientizar as crianças sobre a importância da captação de água para a população rural. **“Fomos a campo conhecer o funcionamento de cisternas, e dessa atividade resultou nova produção de textos ou desenhos”**, conta ela. Para mostrar que haviam compreendido o funcionamento das cisternas, os alunos tiveram

AValiação

1. <http://www.forumeja.org.br/ec/files/Refer%C3%Aancias%20para%20uma%20Pol%C3%ADtica%20Nacional%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo.pdf> (último acesso em 9 de novembro de 2017).

de construir uma com material reciclável. Na trilha sonora do semestre, houve ainda Luiz Gonzaga com seu “Xote das meninas”, que fala do florir do mandacaru, “sinal que a chuva chega no sertão”.

A observação do tempo nos dias-chave de dezembro foi especialmente emocionante. No dia 14, encerrada essa etapa, o grupo produziu um quadro demonstrativo do clima durante o período. Então, cada estudante recebeu duas tabelas, referentes aos meses de janeiro e fevereiro, e partiu para as férias escolares com uma missão: anotar a quantidade de chuva que viesse a se precipitar na região naqueles dois meses. **“Muitos têm pluviômetro em casa, pois é comum o hábito de acompanhar as precipitações”**, explica a professora. Os pais foram chamados a ajudar as crianças na tarefa.

DESENVOLVIMENTO

No último dia de aula, Francisca foi à casa de um senhor da comunidade levando consigo as anotações dos alunos para comparar com a observação que ele tinha feito daqueles dias “decisivos” de dezembro (“pouca chuva em janeiro, chuvas boas em fevereiro, março e abril, e redução do volume em maio e junho”). Compartilhou-as com os estudantes no início do ano letivo de 2015. Um pluviômetro foi comprado e instalado na escola para fazer as medições a partir de março. **“Sempre que chovia íamos observá-lo para anotar a quantidade de chuva em nossa tabela. Ao final de cada mês, somávamos as precipitações. Assim fizemos até junho, mês que marca o fim do período chuvoso em nossa região.”**

DESENVOLVIMENTO

Para o fechamento do projeto, os alunos foram convocados a montar uma peça de teatro inspirada no texto “Eu chovo, tu choves, ele chove”, de Sylvia Orthof. Também começaram a preparar gráficos sobre o volume de chuvas que seriam apresentados à comunidade naquela ocasião e ensaiaram uma dan-

DESENVOLVIMENTO

ça ao som de “Xote das meninas”. **“Mandamos convites para todos que tinham participado do projeto, e felizmente vieram”**, conta a professora. O encerramento aconteceu no começo de julho. **“Quando olhamos para o céu, havia um lindo arco-íris. Então, começou a chover, uma chuva boa, a última chuva boa do ano. Precisamos correr para dentro da escola, levando cartazes, caixas de som... Terminamos a apresentação lá dentro, amontoados.”** Alguns moradores, felizes, abordaram Francisca na hora de voltar para casa: “Ei, professora, bota esses meninos para dançar todo dia para ver se vem chuva!”. **“Tudo muito bem planejado pela natureza”**, acredita ela.

Avaliação e replicabilidade

AValiação

A avaliação ocorreu ao longo de todo o processo, balizando as ações da professora e auxiliando-a a recuar ou avançar de acordo com os resultados. A produção textual dos alunos foi utilizada como objeto de avaliação, assim como a resolução de situações-problema envolvendo os milímetros de chuva coletados, a produção de gráficos e a estética dos cartazes descritivos das atividades. **“Considero que os resultados ficaram dentro do esperado, apesar de todas as dificuldades esperadas quando se trata de uma turma multiano”**, observa Francisca. Para ela, o desenrolar do trabalho representou um momento ímpar de aprendizagem. **“Durante 11 meses de atividades tive a oportunidade de lidar com um leque de reflexões sobre o modo de vida dos moradores e aspectos de suma relevância para a vida das comunidades campesinas, despertando nos alunos o interesse pelos costumes locais”**, escreve no relato enviado à comissão avaliadora do Prêmio Professores do Brasil.

A professora acredita que seu projeto pode ser desenvolvido por outros professores que vivem realidades semelhantes, com um planejamento bem articulado que permita visualizar, ao final, uma sequência de atividades bem encadeadas e que dialoguem entre si.

O que aconteceu depois?

Francisca Nasario segue na Unidade de Ensino V Francelino Granjeiro e ampliou o escopo do projeto, com a realização de um estudo sobre o movimento pendular dos trabalhadores em função da estiagem. **“Por conta do regime de chuvas, muitos trabalhadores também têm empregos na cidade, em uma atividade paralela à agricultura, porque a chuva é muito escassa aqui. Fizemos entrevistas com os pais e, ao final do trabalho, tínhamos um esboço do modo de vida das famílias de nossas crianças”**, explica a professora. Ao longo de 2017, ela produziu um jornal bimestral para a comunidade escolar, noticiando ações do projeto. Os 30 exemplares impressos foram distribuídos entre as crianças e pessoas que participaram da publicação. **“É uma forma de manter as famílias informadas sobre o que estamos realizando com os alunos”**, afirma.

FRANCISCA DEUSINEIDE DOS SANTOS NASARIO é formada em Pedagogia pelo *campus* Maria Elisa de Albuquerque Maia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Desde 2011 atua como professora na Unidade de Ensino V Francelino Granjeiro, escola rural multiano no município de Pau dos Ferros (RN), onde desenvolveu o projeto detalhado aqui.

Respeito às meninas

A professora María del Pilar Acosta iniciou o primeiro semestre letivo de 2015 em um ambiente de tensão. Desde 2013, uma sequência de situações graves de violência contra meninas vinha deixando marcas profundas nos estudantes do Centro de Ensino Médio (CEM) 01 de São Sebastião, cidade-satélite de Brasília. Pilar, que dava aulas de Língua Portuguesa, estava inconformada. Queria organizar um movimento, mas o que poderia ser?, perguntava-se.

Primeiro houve o caso de pornografia de revanche envolvendo uma estudante de 16 anos e seu ex-namorado, de 27. Revoltado com o fim do relacionamento, o rapaz postou na página da escola no Facebook um vídeo que mostrava os dois fazendo sexo. **“A escola teve dificuldades para lidar com isso, considerando que se tratava de um assunto da vida privada da menina”**, relata Pilar, que conhecia a jovem e, na época, sugeriu que o CEM, mais conhecido como Centrão, fizesse uma intervenção em torno da violência contra a mulher. **“Para mim, aquele episódio foi de uma violência extrema contra ela, pois representava uma forma de assassinato social. É como se o rapaz dissesse: ‘Se ela não for minha, não será de ninguém’.”** Porém, naquela ocasião, a professora foi voto vencido. Poucas semanas depois,

PROFESSORA

María del Pilar Tobar Acosta

TÍTULO DO PROJETO

Heroínas sem estátua –
O conhecimento a partir das mulheres

ESCOLA

Centro de Ensino Médio 01

LOCAL

São Sebastião (DF)

CATEGORIA EM QUE VENCEU

Ensino Médio/Linguagens



uma aluna da escola desapareceu. As buscas mobilizaram polícia e comunidade, até que a jovem foi encontrada morta, com marcas de tortura. **“Foi um sinal de que algo precisava ser feito, pois nossas meninas estavam morrendo.”** As agressões ocorriam também em sala. Naquele mesmo ano, 2015, uma menina foi agarrada e beijada à força durante uma aula.

PLANEJAMENTO

Movida pela indignação e fiel a sua jornada pessoal – à época, Pilar já trabalhava o tema de sua tese de doutorado, a resistência em movimentos pelos direitos das mulheres –, começou a imaginar como seria uma intervenção que dialogasse com sua disciplina. Chegou a um formato rico e original, contemplado com o Prêmio Professores do Brasil em 2015 na categoria Ensino Médio/Linguagens. **“Houve uma grande convergência de interesses”**, conta ela. **“No primeiro bimestre, quando comecei a conhecer melhor meus alunos, encontrei uma geração de meninas empoderadas que me empoderaram. Elas escreviam com muita liberdade, pois, apesar de São Sebastião ser uma comunidade conservadora, havia movimentos culturais pulsantes e competições de poesia.”** Foi sob a inspiração delas, e tocada pela explosão da violência contra elas, que Pilar concebeu o projeto “Heroínas sem estátua – O conhecimento a partir das mulheres”, envolvendo cerca de 350 estudantes, sendo cinco turmas de 1º ano e duas de 2º ano do Ensino Médio.

DIAGNÓSTICO

DIAGNÓSTICO

As meninas eram maioria nas salas do Centrão. A escola, a mais antiga da cidade no segmento, abrigava em 2015 por volta de 740 alunos no turno da manhã, 640 no vespertino e 600 no noturno – muito além de sua capacidade. Em cada sala, em torno de 50 adolescentes irrequietos oriundos de famílias de baixa renda, muitas delas carentes de qualquer formação, apertavam-se em ambientes quentes, privados de ventilação cruzada e amplamente banhados pelo sol escaldante do cer-

rado. **“Nos dias de muito calor, os professores dizem, jocosa-mente, que dão aula em ‘saunas’ de aula”**, conta a professora. Em média, três quartos dos estudantes eram meninas. **“Parece existir ali uma lógica perversa que empurra os meninos para o trabalho muito cedo, enquanto as garotas têm a consciência de que, se não estudarem, terão um futuro muito mais difícil”**, observa Pilar.

Mesmo sendo maioria, era contra elas que a violência se manifestava. No entanto, nem a violência nem o calor desmotivaram as turmas envolvidas no projeto, que consistiu em trazer para o ambiente escolar os nomes e legados de grandes mulheres que contribuíram para a sociedade, de diversos modos: lutando ao lado de populações oprimidas, trabalhando pelo desenvolvimento da ciência, atuando no campo das artes ou mesmo na árdua jornada diária, e jamais reconhecida, como chefes de família, a exemplo de várias mães e avós dos alunos do Centrão.

O projeto foi conduzido de maneira orgânica, engajando profundamente os meninos também – todos conscientes do apagamento das figuras femininas na sociedade e na cultura de nosso país. Embora se referisse ao gênero feminino, tratava de respeito. **“Nunca tive oposição marcada pela questão do gênero, porque fomos conversando e costurando acordos.”**

Foram seis etapas construídas de modo harmonioso, em integração com outras disciplinas – Filosofia, Artes, Sociologia e Geografia. Na primeira, nomeada “Ideias e reflexões”, os estudantes buscaram subsídios para o debate sobre a condição feminina no contexto brasileiro. Compreendendo texto como todo conjunto coerente e coeso que encerra uma mensagem, a professora apresentou às turmas produções audiovisuais como *Uma história de amor e fúria*, de Luiz Bolognesi, e *Imagine uma*

PLANEJAMENTO

PLANEJAMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

menina com cabelos de Brasil, de Alexandre Bersot; livros como *Olga*, de Fernando Morais, e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus; muitas pesquisas sobre violência contra as mulheres colhidas em sites prestigiosos; e o documentário *Lutas.doc*, de Luiz Bolognesi e Pedro Puntoni, do qual nasceu o livro *Meus heróis não viraram estátua*¹ (escrito pelos dois), estudo sobre as contradições e os conflitos dos heróis brasileiros que inspirou o título do projeto.

DESENVOLVIMENTO

Na etapa seguinte, já profundamente enfronhados na temática, cada educando foi chamado a escolher uma heroína sem estátua e a criar um projeto de pesquisa sobre ela. **“Poderia ser qualquer mulher cuja história não tivesse sido contada adequadamente. Vetei nomes como o da princesa Isabel, por exemplo, cuja trajetória é amplamente conhecida, e dei a oportunidade para que homenageassem suas mães e avós, que são de fato as heroínas que levam o Brasil nas costas. A maioria de meus alunos vem de uma casa gerida por mulher. A força do feminino é presente, mas silenciada.”**

DESENVOLVIMENTO

Entre as escolhidas, Maria Quitéria, soldado condecorada por Pedro I por seu desempenho no exército pró-independência, Maria da Penha, a farmacêutica que lutou pela punição a seu companheiro agressor e virou nome de lei no Brasil, e a psiquiatra Nise da Silveira compuseram uma emocionante galeria com Maria Lucília, “candanga e mãe lutadora”, e Francisca Silva, “mulher guerreira, responsável e trabalhadora que corria para todo lado em busca de dar o melhor a seus filhos”. No Facebook, os estudantes envolvidos no projeto criaram uma página na qual compartilharam textos e reflexões, fechando a fase que a professora chamou de “Iniciação científica”.

1. BOLOGNESI, Luiz; PUNTONI, Pedro. *Meus heróis não viraram estátua*. São Paulo: Ática, 2013.

O terceiro momento consistiu na reescrita e no aprimoramento dos projetos de iniciação científica apresentados pelos alunos, com indicação de caminhos para que melhorassem. Veio, então, a produção dos textos multimodais propriamente ditos – as “estátuas”. A quinta e penúltima etapa consistiu no registro e na divulgação da produção artístico-intelectual dos jovens, com a construção de uma plataforma para disseminar o trabalho, o Museu Virtual das Heroínas sem Estátua, em formato de blog. Por fim, houve exposição dos trabalhos e divulgação presencial dos resultados por meio de fôlderes elaborados como complemento do projeto.

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

DESENVOLVIMENTO

A Língua Portuguesa, disciplina da professora Pilar, permeou todas as etapas do trabalho dos estudantes, desde o desenvolvimento de habilidades e competências para ler e compreender os diversos usos das linguagens até a produção de textos para diferentes suportes e plataformas – já que eram os próprios alunos que escolhiam o texto modal com que representariam sua homenageada. **“Considero que esse foi outro mérito do projeto: em vez de um trabalho de iniciação científica resultando em um texto científico hermético, tivemos uma produção artística, mostrando que a arte também é uma forma de conhecimento”**, explica a professora. As obras criadas pelos estudantes – textos, cartazes, instalações, esculturas – ocuparam toda a escola por ocasião da mostra, **“de tal modo que a mulher se fez presente pela narrativa autoral dos alunos”**, observa Pilar. **“Eles, por sua vez, tornaram-se produtores de conhecimento, e não meros repetidores, consolidando a lógica da educação para a autonomia.”**

DESENVOLVIMENTO

Para desenvolver seu projeto, a professora partiu de sólidos marcos metodológicos nas áreas das ciências humanas e da linguagem, entendidas por ela como ferramentas importantes

na construção social, bem como do modo de agir em sociedade. Buscou subsídios em teorias de letramento e de análise crítica de discurso para **“transcender a leitura apenas das linhas e construir habilidades que permitam ler nas entrelinhas os significados subjacentes e os discursos sociais articulados pelos textos, como o machismo e o racismo, entre outros”**.

Avaliação e replicabilidade

Seis objetivos centrais nortearam o projeto, como veremos a seguir.

- Construir dinâmicas de ensino-aprendizagem em que os alunos fossem, de fato, protagonistas de sua aprendizagem.
- Construir dinâmicas de ensino-aprendizagem em que os alunos fossem produtores de conhecimento, e não meros repetidores.
- Apresentar a eles a iniciação científica adequada a seu nível de escolaridade.
- Incluir a história de vida e a contribuição de grandes mulheres para a sociedade no currículo em ação de sua disciplina, lembrando que a produção feminina é vasta e consistente, porém sofre um “apagamento” nos cânones.
- Valorizar a diversidade na figura de mulheres que efetivamente prestaram grandes contribuições para a humanidade.
- Estimular a melhora da autoestima das educandas e demais mulheres na comunidade escolar, bem como ensinar a valorização e o respeito às mulheres pelos homens.

“Houve aprendizados em vários aspectos: a questão da história social, da produção escrita, da redação de um proje-

to científico, aprendendo a fazer referências e citações, entre outros”, avalia Pilar. “Essas ferramentas serão usadas muitas vezes pelos jovens que foram produtores de conhecimento. O grande ganho de um projeto como esse, porém, é a tomada de consciência. Entendo que a escola hoje tem que superar o mero papel de informar, porque a informação está na palma da mão dos alunos graças ao celular. Tem que ensinar a pensar, a perguntar por que as coisas estão como estão: será natural desta maneira? Se não for, quem construiu assim?”.

A replicabilidade é um dado importante para os avaliadores do Prêmio Professores do Brasil, e o projeto “Heroínas sem estátua – O conhecimento a partir das mulheres” pode não apenas ser replicado, mas também servir de modelo para trabalhar quaisquer outros temas envolvendo grupos minoritários que sofreram processos de apagamento social, como idosos, pessoas em situação de rua, negros e imigrantes.

O que aconteceu depois?

No final de 2015, Pilar Acosta foi aprovada em concurso e convocada a atuar no Instituto Federal de Brasília (IFB), instituição pública que oferece 56 cursos técnicos, superiores e de pós-graduação voltados para a educação profissional. Tem sede em Brasília e *campi* em diversas regiões administrativas do Distrito Federal, entre elas em São Sebastião, onde ela ensina hoje. Como permaneceu na mesma comunidade, a professora encontra no novo endereço profissional ex-alunos do Centrão. Seguindo a mesma lógica que aplicou a seu projeto no CEM 01, ela propôs a estudantes de 2º ano do Ensino Médio do IFB o trabalho “A escola que queremos: o mundo que tere-

mos”, para identificar problemas do ambiente escolar e propor soluções. A ideia é que as alternativas sugeridas pelos estudantes possam até mesmo resultar em um documento entregue a deputados no Congresso. **“O Prêmio Professores do Brasil me deu a certeza de que estou do lado certo da história. A carreira de docente é uma opção difícil, mas tem suas belezas. Ganhei mais garra para seguir nessa caminhada.”**

No Centrão, o “Estátuas” contribuiu para que a escola experimentasse grandes transformações, avalia Pilar. **“Antes, a matéria de Projetos era ligada a exatas e outros professores não eram bem-vindos. No ano passado, depois que a escola ganhou visibilidade por causa do prêmio, estabeleceu-se que, em um mesmo dia e horário, todos os professores estariam em sala de aula para cuidar de algum projeto concebido por eles. Os alunos se inscreveriam por temas, rompendo com conceitos como disciplinaridade. Acredito que meu trabalho teve como consequência uma mudança de perspectiva dentro da escola. Me sinto um pouco pioneira – não a única, mas também pioneira.”**

MARÍA DEL PILAR TOBAR ACOSTA é formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB). Fez mestrado em Linguística também na UnB e é doutoranda na mesma área, desenvolvendo uma investigação sobre a rede discursiva mobilizada para e pela Marcha das Mulheres Negras de 2015. Deu aulas no Centro de Ensino Médio 01 de São Sebastião (DF) entre 2013 e 2016. Desde então, atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Brasília (IFB).

**AGORA
É SUA VEZ**





O objetivo desta publicação é inspirar professores da Educação Básica a refletir sobre sua prática para aprimorá-la. Para isso, apresentamos nas páginas 125 a 132 fichas que podem ajudá-lo a organizar esse roteiro de trabalho.

1. Planejamento: currículo, contexto e estratégias de ensino

O primeiro passo de um planejamento é definir o que ensinar (ficha da p. 125), respondendo à pergunta: “Dentre os conteúdos previstos no currículo, o que selecionar para ensinar considerando as características de meu grupo de alunos?”.

Reveja o currículo de sua escola: tendo em mente o contexto, selecione os conteúdos que pretende trabalhar e liste suas expectativas de aprendizagem. Ao fazer isso, leve em conta o tempo que terá para trabalhar com os estudantes.

O próximo passo é estabelecer como ensinar (ficha da p. 126). Nesse momento, defina os principais passos do trabalho que vai desenvolver. “Que estratégias pretendo usar?”, “Que materiais serão necessários?”, “Qual o tempo previsto para cada atividade?”.

2. Diagnóstico dos saberes dos alunos

Nessa etapa, você deve investigar o que cada um dos estudantes já sabe sobre o conteúdo que será ensinado (ficha da p. 128). Trata-se de um momento de avaliação que possibilita a revisão e o detalhamento do planejamento, mas também pode ser

uma forma de mobilizar a classe para o estudo de um conteúdo específico.

Lembre-se de que é preciso ter muita clareza do que se quer ensinar para garantir que a análise dos conhecimentos prévios esteja a serviço de determinadas aprendizagens.

3. Desenvolvimento de atividades

Essa etapa do trabalho, ainda que essencial, geralmente é menos explorada (ficha da p. 129). Assim, sugerimos retomar a ficha preenchida no planejamento (p. 126), ampliando-a e incluindo um breve registro de cada atividade para ajudá-lo a definir eventuais mudanças de rota.

4. Avaliação da aprendizagem e do processo educativo

No decorrer de um projeto ou de uma sequência didática, muitos são os momentos de avaliação. Cada um tem uma finalidade, mas é preciso dialogar o tempo todo com os objetivos e as expectativas de aprendizagem.

Vimos que muitos professores gostam de registrar os resultados gerais do projeto, às vezes em detrimento de um olhar mais direto sobre as aprendizagens dos alunos. Por isso, sugerimos que o professor organize seus registros em duas partes, como mostram as fichas das páginas 131 e 132: “Reflexões gerais sobre a prática” e “Avaliação das aprendizagens de cada aluno”.

Vou acessar o conhecimento prévio de meus alunos por meio da(s) seguinte(s) atividade(s):

(Proponha uma ou mais atividades objetivas e pontuais. Não leve muito tempo nesse levantamento e, ao responder, defina estratégias e instrumentos.)

Concluí que meus alunos já sabem:

Eu preciso ensiná-los a:

3. Desenvolvimento de atividades

Objetivos de ensino e breve descrição das atividades	Materiais e estrutura	Organização dos alunos	Cronograma	Desenvolvimento das atividades
	(para cada objetivo)	(agrupamentos)	(quantidade de aulas e datas)	(breve análise ou observações gerais sobre cada uma)

Objetivos de ensino e breve descrição das atividades	Materiais e estrutura	Organização dos alunos	Cronograma	Desenvolvimento das atividades
	(para cada objetivo)	(agrupamentos)	(quantidade de aulas e datas)	(breve análise ou observações gerais sobre cada uma)

2. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DE CADA ALUNO

Para avaliar as aprendizagens de cada aluno, utilizei os seguintes instrumentos:

Após uma análise do desempenho deles e considerando minhas expectativas de aprendizagem, concluí que, de modo geral, o grupo aprendeu:

Entretanto, esses pontos precisam ser retomados:

Os alunos aqui listados apresentam dificuldades na aprendizagem dos seguintes conteúdos:

O OLHAR DE QUEM LEU OS RELATOS



Impressões, achados, questionamentos, compromissos... Ao longo de nossa conversa, procuramos ir e vir pelos projetos de modo a ressaltar não apenas boas ideias, mas os importantes aspectos que sustentam práticas de ensino nas cinco regiões de nosso país. Essas reflexões sobre a prática pedagógica buscam contribuir para consolidar a participação dos professores como sujeitos ativos na implementação do Plano Nacional de Educação (PNE), ao mesmo tempo que ajudam a orientar a sistematização de boas experiências em sala de aula por todo o Brasil.

Dentre tantos conceitos visitados, merece destaque o olhar, a capacidade de observação atenta do professor para seus alunos e para seu trabalho. A observação é entendida aqui como um instrumento metodológico constante e imprescindível para que o docente exerça sua atividade em todo o seu potencial, levando em consideração as qualidades dos sujeitos envolvidos.

Olhar sensível é uma competência que se aprende na prática e que deve ser aprimorada ao longo do percurso educativo. Nesse sentido, a abertura do olhar e o foco na relação com o aluno são conteúdos a serem desenvolvidos em um processo formativo. É preciso aprender a ver o educando e identificar o modo como ele se apropria dos conhecimentos que lhe são apresentados, assim como olhar para seu desenvolvimento e para as particularidades de cada etapa.

Chegamos, assim, a outro aspecto fundamental a mencionar nessa trajetória de pensar a qualidade da prática do professor: o processo de formação continuada, a atenção permanente a sua preparação para uma atividade que muda todo o tempo, assim como se modificam os próprios alunos inseridos em um mundo em transformação.

Os projetos selecionados e premiados ao longo dos anos trouxeram em comum, dentre outros aspectos, esse olhar sensível e atento dos docentes para suas realidades e contextos, para os anseios e expectativas dos estudantes em consonância com os objetivos de ensino. Também foi possível perceber uma crescente preocupação e busca pela incorporação de temáticas atuais, inovações tecnológicas e novas linguagens. Cabe, portanto, observar quanto as escolhas pertinentes desses professores funcionaram como objetos integradores das muitas questões que precisam ser garantidas aos educandos em termos de aprendizagem.

A profissão de professor não é nova, mas os desafios que se apresentam na contemporaneidade lhe colocam exigências.

MEIRIEU, 1989,
apud PERRENOUD, 2000.

Prática reflexiva, profissionalização, trabalho em equipe e por projetos, autonomia e responsabilidade crescente, pedagogias diferenciadas, centralização sobre os dispositivos e sobre as situações de aprendizagem, sensibilidade à relação com o saber e com a lei delinham um roteiro para um novo ofício.

É importante destacar também que o processo de participação nos prêmios traz benefícios para as práticas de todos os professores que enviam seus relatos. A reflexão e o trabalho de transcrição de sua prática lhes impõem um distanciamento e uma perspectiva que reconstituem, em outro cenário, erros e acertos ao longo de seu trajeto, gerando um ganho para a qualidade de sua atuação.

Como bem alerta Perrenoud:

PERRENOUD, 2000.

O exercício da reflexão metódica e a construção da lucidez profissional não são questões triviais a um fazer docente que se caracteriza

(muitas vezes) por agir na urgência e decidir na incerteza.

Transpor sua prática para o papel, refletir criticamente sobre seu trabalho e então fazer o caminho inverso, extraindo de suas anotações ideias para novas práticas, em um ciclo que se retroalimenta permanentemente; eis o exercício que deve realizar o bom professor.

Conceitos, procedimentos e atitudes adquirem o mesmo patamar de relevância. O letramento é entendido como um dos pilares da função social da escola e se destina a múltiplos encontros – consigo mesmo, com os colegas, com a comunidade mais próxima, com a comunidade ampliada. E a escrita de um relato de prática é uma atividade dessa natureza.

Para concluir, enfatizamos a necessidade de interlocução dos professores. Iniciativas como o Prêmio Professores do Brasil do Ministério da Educação, que em 2017 chegou a sua 10ª edição, promovem não apenas a inscrição de sua autoria, mas a possibilidade de diálogo com toda a sociedade sobre o trabalho realizado, em uma troca que, além de motivadora, cumpre também função formativa.

Desejamos que os muitos professores que a cada dia vencem as mais diversas dificuldades em sua tarefa cotidiana de educar se sintam encorajados por esta publicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- AUGUSTO, Silvana. Projetos e mais projetos. *Avisa Lá*, n. 57, fev. 2014.
- AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen. *Psicologia educacional*. Trad. Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BARBOSA, Maria Carmen S. *Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares*. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. Brasília, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Educação Infantil: subsídios para construção de uma sistemática de avaliação*. Brasília, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=-11990-educacao-infantil-sitematica-avaliacao-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- _____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1992.
- FREITAS, Sirley L.; PACÍFICO, Juracy M. Formação docente e os saberes necessários à prática pedagógica. *Educa – Revista Multidisciplinar em Educação*, v. 2, n. 4, 2015.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- _____. *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Penso, 2000.
- LARCHERT, Jeanes Martins. A organização do trabalho docente; o planejamento. *Organização do trabalho escolar*. Ilhéus: Editus, 2012. (Letras, módulo 3, v. 7, EAD).
- LUCKESI, Cipriano. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. *Eccos Revista Científica*, v. 4, n. 2, p. 79-88, 2002.
- MARTINEAU, Stéphane. Un champ particulier de la sociologie: les professions. In: TARDIF, Maurice; GAUTHIER, Clermont (Ed.). *Pour ou contre un ordre professionnel des enseignantes et des enseignants au Québec*. Quebec: Université Laval, 1999.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PIAGET, Jean. *A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da filosofia – Problemas da Psicologia Genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- SOLIGO, Rosaura. Fazer da escola um lugar de conhecimento para todos. In SOLIGO, Rosaura (Org.). *Narrativas pe-*

dagógicas: vivências e experiências na escola. Rio Branco: Secretaria Municipal de Educação; Instituto Abaporu de Educação e Cultura, 2007.

TARDIF, Maurice. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. *Educação & Sociedade*, v. 34, n. 123, abr.-jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000200013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>

_____. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002

ZELMANOVITS, Maria Cristina. *Na trilha das boas práticas de ensino*. Curso online do Prêmio Professores do Brasil 2017. Acessível mediante cadastro em: <<http://ppb.mec.gov.br/login>>.

Sites úteis

Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC-Cpublicacao.pdf>>

Plano Nacional de Educação (PNE)

<<http://pne.mec.gov.br>>

<http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>

**VENCEDORES
DO PRÊMIO
PROFESSORES
DO BRASIL
10 EDIÇÕES**



1ª EDIÇÃO – 2005

EDUCAÇÃO INFANTIL

Cláudia Beatriz Souza de Jesus	Prática leitora através do brinquedo: 1,2,3 “lereuei” do pião ao “Bey Blade”	BA
Cristiane Lopes	É música no ar...	SC
Julcéli Hack de Oliveira	A mãe África e seus filhos brasileiros: resgatando a cultura afro-brasileira no Jardim nível 6	RS
Lucinéia Soprani Camargo	Pequenos aprendizes “pintando o sete” – A arte que ousamos mostrar	ES
Mara Aparecida Manzoli Caldeira	Fazendo arte para contar história	MS
Maria de Jesus Gomes Almeida	Descobrimo-se e movimentando-se	GO
Maria Dione da Silva Lopes	Educação no trânsito	AC
Maria do Perpétuo Socorro Costa Pereira	Pregoeiros: conhecendo um pouco dessa história	MA
Patrícia da Silva Dutra	Construindo identidades	PB
Renata dos Santos Melro	Arte <i>naïf</i> e outras artes na Educação Infantil	RJ
ENSINO FUNDAMENTAL		
Ana Lúcia Machado	Cidadania, infância e a estética do olhar	SC
Cristina Pires Dias Lins	Intercâmbio cultural: indígenas e não indígenas respeitando as diferenças, repudiando as injustiças e discriminações	MS
Eliana Francisca do Santo Garcia	Horticultura e meio ambiente: vivendo e aprendendo	ES
Evanir de Oliveira Pinheiro	Para que a vida nos dê flor e frutos	RN
Jaqueline Maria de Souza Dias	Camisas para ler e aprender	AM
Luciane Rosário Sampaio Frizzera	Desembalando o lixo do bairro Jardim Carapina	ES
Maria Rita Lorêdo	Das formas às fórmulas: arte e geometria num contexto interdisciplinar	MG
Paula de Fátima Cavagnari	O doce gostinho de aprender através de embalagens	PR
Regina Maria Schein dos Santos	O mundo dos brinquedos e os brinquedos do mundo	RS
Valmária Martins da Silva	Negro que te quero SER negro	DF

2ª EDIÇÃO – 2007

EDUCAÇÃO INFANTIL

Francimaura Miranda de Souza	Povos indígenas: conhecer para respeitar	RO
Geanne Duarte Polini	Somos diferentes – Ninguém é igual a ninguém	ES
Luciana Rita Bellincanta Salvi	Mostrando os dentes	SC
Luciene Silva de Sousa	Figurinhas da infância	RJ
Marcelo Campos Pereira	Semeando o prazer de ler com as histórias em quadrinhos	SP
Mari Stela Boschetto da Silva Silveira	Reconstruindo histórias	SC
Maria Aparecida Rodrigues da Costa Santos	A cultura de uma ilha no Coração do Capixaba	ES
Rosemeire Freitas Carvalho	Não queremos “meio ambiente”, queremos “o ambiente inteiro”	GO
Rosimere Dobrowolski Oteka	Pequenos pesquisadores, grandes descobertas	PR
Thelma Lilian Bighetti Sória	Ler e gostar, é só começar: além das imagens e das letras	SP

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS

Alexsandra Silva Oliveira Buriti	O olhar se educa: alarga os horizontes e amplia a visão de mundo dos alunos	PB
Francisca Rodrigues de Oliveira	Olhar cidadão	DF
Maria Auxiliadora de Oliveira	Cor e som – Há vida em suas mãos	MT
Maria de Lourdes Ferreira da Costa	Levantando-nos para o meio	PE
Maria Lúcia dos Santos	Textos jornalísticos em sala de aula: um assunto novo a cada dia	MS
Sandra Cristina Vogel Rissi	Alimentação e educação: formando a nova geração	PR
Simone Fátima Costa Ribeiro	Uma tartaruga muito especial	SP
Simone Tesche Emmel	Semeando Ecologia: uma proposta prática de educação ambiental	RS
Soraya Freire de Oliveira	A vida pede passagem	AM

3ª EDIÇÃO – 2008

EDUCAÇÃO INFANTIL

Adenir Vendrame	Lendo a floresta	MT
Adriana Rodrigues dos Santos	Vamos aprender com MPB	BA
Edna Maria da Silva	Os tubarões: uma viagem ao fundo do mar	RN
Eliana Maria Gastaldi	Cineastas mirins	SC
Maria de Fátima Barth Antão Castra	Resgatando nossas memórias	PR
Marlene Brutigan	A escola tem a cara que eu pinto	MT
Rosemari Aparecida Galego Ribeiro	Criaturas do mar	SP
Sueli Silva Souza	Viva verde	SP

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS

Alessandra da Silva	Alfabetizando e letrando com os grandes mestres da literatura infantil	SP
Arthur Philipe Cândido de Magalhães	Diferenças sim! Preconceito não!	RR
Francisca Virgínia Dantas	Livro de pano: ato e efeito de ler e escrever	RN
Guadalupe da Silva	Tecido africano: símbolo, cores e um pouco de história	RS
Karlete Behrend	Biblioteca escolar: embarque na magia da leitura você também	RS
Kênia Mara da Costa	<i>Aedes aegypti</i> , o pequeno grande vilão – Uma ação cidadã	GO
Luciane Cristina Panes dos Santos	Recanto, encanto, saudade... Um pouco do muito que te dei	SP
Nádia Maria Rodrigues	A África está em nós e nós estamos na África	DF
Ninfa Emiliana Freire Fausto	Lembrança que vai, lembrança que vem – Entre na roda você também	BA
Paulino Rocha Barbosa	Resgatando o prazer de ler e escrever a partir de histórias de faz de conta	AP

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS FINAIS

Edilso Bratkoski	Roda d'água, trabalhando conceitos de Física	MT
Gilbert Daniel da Silva	Pintando as sombras da cidade	MG
Joaton Surui	Escrevendo nossa língua Paiter Surui	RO
Maria Elisabete de Souza Juswiak	Semeando educação e colhendo saúde	RS
Natamia Aparecida da Silva Nogueira	Gibiteca na escola	MG
Rosilene Anevan Fagundes Lampa	Matemática interativa: a ludicidade na intervenção pedagógica	PR
Sergio Murilo Batista Barros	Historiando o breve século XX	CE

ENSINO MÉDIO

Carmelita Fernandes Afonso Rodrigues	A informática educativa na valorização da história local e na criação de um museu	CE
Giane Gonçalves de Sales Falseti	Quem acredita sempre alcança	SP
Ívone Helena Machado	Biogás: uma fonte alternativa de energia	SC
Luciano Guedes Siebra	Pesquisar é produzir novos conhecimentos e comunicar os resultados	CE
Teresinha Bernardete Motter	Escola, espaço de construção e autonomia	RS
Vânia Aparecida Silva Corrêa Pinto	Brasileirinho: sarau de poesia e filosofia no bosque	RJ

4ª EDIÇÃO – 2009

EDUCAÇÃO INFANTIL

Arídea Gonçalves Leão	Delícias e mistérios do mar	ES
Eliane Rodrigues Serique de Araujo	No aconchego dos livros	RJ
Irene Pio Pereira	Brincando e fazendo artes	GO
Lenise Sampaio Ribeiro	Brincar: novos tempos, novos olhares	BA
Luzia Maria Pessoa Campos	Festejando a cultura afrobrasileira	MA
Marta de Moura Nunes Dias	Sou pequeno mas tenho meus direitos	PR
Patrícia Machado de Freitas	<i>O mágico de Oz</i> : descobrindo as surpresas do caminho de tijolos amarelos	SC

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS

Angélica Alves Bueno	Meu mundo, minha casa	GO
Cristina Pires Dias Lins	Unidos no combate da prática do <i>bullying</i> – Jornal, literatura, comunidade e cidadania, uma grande parceria!	MS
Edson Francisco de Moura	Tocando e cantando poesia	RN
José Reginaldo dos Santos	Projeto Plantae	SE
Maria do Socorro Fragoso Alves	Parceiros na leitura	TO
Soraya Freire de Oliveira	Leitura e escrita: uma viagem fascinante	AM
Susi Cristina Biasibetti	O menino metamorfo	RS
Tatiana Bianca Rebelo Basso	Telejornal na escola	SC

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS FINAIS

Andréia Silva Brito	Descobrimos poliedros e corpos redondos	RO
Íris Maciel Pantoja	A contribuição dos jogos no ensino de Matemática – Jogos, aprendizagem e reconstrução da cidadania	AP
Ivanilda Almeida Soares Bonfim	A problemática ambiental do Riacho Belém em Guanambi (BA): uma proposta de Educação Ambiental	BA
Jorge Luiz Samaniego Sambrana	Seu olhar	MS
Luciane Rosário Frizzera	Estratégias diversificadas para o estudo do meio capazes de promover o aprendizado em alunos surdos	ES
Meire Cristina Fiúza Canal	De carta em carta: encontrando caminhos	SP

Rejane Maria Christ Ghellere	Saber e atuar para melhorar o mundo – Vida, sim! Drogas, não!	PR
Vanildo dos Santos Silva	Equação do 1º Grau – “O X da questão”	BA
Vera Beatriz Hoff Pagnussati	Os discursos da mídia: suas múltiplas leituras como propulsores da sexualidade precoce e gravidez na adolescência	PR
Wilma Lemes Ferreira	Projeto Escola Aberta	GO
ENSINO MÉDIO		
Andréia Regina Mello Fonseca	Projeto Cidade Sustentável: integração universidade + escola	MG
Bernardete Terezinha Denardi Costa	As TICs – Tecnologias de informática e comunicação do campo	PR
Cláudia Maria Gomes de Araújo	Cafeteria sabor literário	RN
Fernanda Diniz da Silva	Estatística na escola: ferramenta de transformação social	MA
Lilaine Zub	Utilização do lúdico no processo de ensino-aprendizagem em Química	PR
Marcos Afonso Soares de Oliveira	Experiências de práticas pedagógicas no Ensino Médio: o caso da Escola Estadual Lourival Pinho em Rio Branco (AC)	AC
Nidiane Aparecida Latocheski	Reestruturação da Sala de Leitura Álvares de Azevedo	RO
Nilva de Fátima Oliveira	Cantando em libras	MT
Rozecrei Rosa	Projeto de pesquisa “A dengue em Campos de Júlio”	MT
Wagner Garcia Siqueira	Projeto “Penso, logo escrevo”	SP

5ª EDIÇÃO – 2011

EDUCAÇÃO INFANTIL

Alessandra Franzen Klein	Uma proposta bilíngue na Educação Infantil: Libras/Português	RS
Ângela de Lourdes Rezende e Araújo	Brincadeiras de criança e as possibilidades de integração com a família	GO
Flávia Pereira Gomes	A criança e o universo imaginário do faz de conta: mergulhando na expressão teatral de Cabedelo	PB
Geanne Duarte Polini	Projeto Pequenos Artistas	ES
Luciana Barbosa dos Santos	Um sarau bem legal: vivendo a poesia além das palavras	BA
Maria Madalena Araújo de Oliveira	Recursos da informática x escola especial: um elo para o desenvolvimento cognitivo de deficientes mentais	AM
Marta de Moura Nunes Dias	Eu sei quem eu sou, de onde eu venho, pra onde eu vou...	PR
Miriam Afonso Simião Fernandes	Sacola ecológica: não é só moda, é atitude	SP
Pollyanna Rosa Ribeiro	Relato de experiência do projeto de trabalho “Movimentar e jogar: é só começar!”	GO

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS

Adriana de Sousa Espinhara Santa Cruz	Projeto Vivendo a Imaginação	PB
Cristina Freire dos Santos	Projeto Profissões – Semeando sonhos para a transformação de um bairro	GO
Isabel Cristina Casimiro Verzenhassi	Pequenos contadores de história	SP
Jaqueline Maria de Souza Dias	Brincando de fazer arte, com arte	AM
Juliana Cunha de Melo	Do porquinho ao leão: para onde vai o meu tostão	SP
Lucia Genoveva Dartora Turri	O bater das asas	PR
Maria Bendita Silva de Souza	Pequenos grandes artistas: um passeio pela obra de Romero Brito	RN
Roseli Vicentin	Brincando se aprende e se constrói: sorriso saudável, futuro brilhante	PR
Soraya Freire de Oliveira	Educação para o trânsito na escola – Uma questão de direitos humanos	AM
Valdeniza Macedo Barbosa	A cooperação no combate às dificuldades de aprendizagem	MS

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS FINAIS		
Alcilene Costa de Magalhães	Projeto Consumo Consciente	PA
Andréia Silva Brito	Polígonos: construindo propriedades, relações e conceitos	RO
Denize Francisca da Silva	Acordando Lavoisier: na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma	AL
Deyse da Silva Sobrino	<i>Bullying</i> – Respeite as diferenças!	SP
Elisete Tavares	Memórias	GO
Erenilda Fonseca Pereira Martins	<i>On Word World</i>	MG
Mytercia Bezerra da Silva	O jogo corporalizando atitudes afetivas	RN
Patrícia Silveira Zaneti	Nosso espaço, nosso fazer	RS
Rejane Maria Christ Ghellere	Educação, empreendedorismo e sustentabilidade	PR
Vânia Rodrigues Ribeiro	Coletar e reciclar... é só começar!	GO
ENSINO MÉDIO		
Carlos Alberto Panek Junior	Entre o passado e o presente: as experiências do ensino de História no Curso Normal Médio Indígena Povos do Pantanal (MS)	MS
Elizabeth Aires Leite	Projeto Batuque	TO
Guilherme Erwin Hartung	O fantástico mundo 3D	RJ
Ivan Nunes Gonçalves	Um olhar para o lixo	RS
Luciano Guedes Siebra	Sustentabilidade no monitoramento e controle do <i>Aedes aegypti</i> : uma alternativa ecossistêmica para uma problemática nacional	CE
Mychele de Melo Carisio Sobrinho	<i>Let's talk about England!</i>	GO
Sinara Adriana Soares	Horta Mandala: mãos na terra	PR
Vânia Aparecida Silva Corrêa Pinto	Projeto Palavras e Canções	RJ
Vitelio Aníbal Chávez Hijar	I Mostra Cultural de Danças, Teatro, Música e Poesia	AC
Viviane Lima Sales	Mãos que ensinam	CE

6ª EDIÇÃO – 2012

EDUCAÇÃO INFANTIL

Catiane da Silva Sarah	Defensores do planeta	AC
Cristiane Portela Pereira	Minha cidade – O ambiente em que vivo	MS
Joseane Helena Schulz	Arte em movimento: os móveis como suporte de diálogo entre as crianças e a tridimensionalidade do planeta	SC
Rejane Tononi	A arte com olhar de criança	ES
Vânia Emília Dourado	Meus avôs brincavam do quê?	BA

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS

Arthur Philipe Cândido de Magalhães	Leitura e produção de textos na escola: entre nessa você também!	RR
Claudia Mariano da Silva Alvares	Pequeno cidadão, grande transformação	SP
Danielle Christine de Andrade Queiroz	Queremos respeito, portanto respeitamos o outro!	RN
Guadalupe da Silva Vieira	Contos africanos e seu universo mágico: literário e artístico	RS
Raquel Gonçalves Ferreira	Como nasce um livro?	DF

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS FINAIS

Adonias Sousa de Oliveira	Meu voto, meu futuro	PA
Áurea Lúcia Miranda	A carta pessoal como objeto de prática psicossocial	MG
Elaine de Oliveira Santana	Projeto: cultura nordestina também é cultura!	BA
Jorge Luiz Samaniego Sambrana	Geo ação	MS
Vera Beatriz Hoff Pagnussatti	Aprender, socializar e agir para a transformação social	PR

ENSINO MÉDIO

Andrea Regina Mello Fonseca	Diga não à proposta de reforma do Código Florestal	MG
Bruno de Oliveira Lima	Projeto ensinando com arte	RN
Geremias Dourado da Cunha	Qualidade de água: sinônimo de vida saudável	RO
Ivan Nunes Gonçalves	Alimentos, eis a questão!	RS
João Antonio Pereira	Memórias de vida em vida	MT

SUBCATEGORIA: ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL		
Carina Escabora Campos	Vidas que se contam: a biografia como portal de aprendizagens significativas	SP
Katia Regina Barbosa Barros	Alfabetizando e promovendo a inclusão da pessoa com síndrome de Down	PE
Lucimara Lopes França	Gêneros textuais: manifestações da cultura popular	RO
Michelly Dominiq Neves de Araújo	Projeto Cantigas... Cantando e encantando	MS
Willian Daniel Hahn Schneider	Projeto Pesquisadores Malucos: trabalhando com o método científico	RS
SUBCATEGORIA: CIÊNCIAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL		
Ana Maria Camillo	De lagarta à borboleta	SC
Anelice Marques de Souza	Alimentação: conscientização para uma vida saudável	TO
Helena Paula Silva Menezes Oliveira	Projeto Cuidar: eu cuido, tu cuidas, nós cuidamos	MA
Kênia Cristina Nogueira Rodrigues	Meio ambiente: pequenas atitudes, grandes mudanças...	MG
Kênia Mara da Costa	Eu aprendi e vou ensinar: atitudes cidadãos de sustentabilidade	GO
SUBCATEGORIA: EDUCAÇÃO DIGITAL ARTICULADA AO DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO		
Alexandre Gonçalves de Souza	Agência de publicidade e propaganda 30IdeiasPP	MS
Arystotenes da Silva Prata	<i>Hablar español es exquisito</i>	PB
Eleni Jesus de Souza	Visualidades	SP
Jorge Cesar Barboza Coelho	Aprendizagem colaborativa através de uma Web TV	RS
Marizete Pinheiro Braga	Valorizar a infância: égua da brincadeira pai d'égua	PA
SUBCATEGORIA: EDUCAÇÃO INTEGRAL E INTEGRADA		
Gilvan Luis de França	Sala de aula de garrafa pet	DF
Juliana Barbosa Godinho	Conhecimento, reconhecimento e valorização das diversidades: uma prática pedagógica em ação e reflexão durante a semana ludicultural	MG
Marcia da Silva Gonçalves	Projeto Meio Ambiente	AC
Sandra Maria Claro de Freitas	Projeto AFEJAN – Acolhimento aos Filhos da EJA	PB
Silvania Linck	Aprendendo na cozinha	RS

7ª EDIÇÃO – 2013

EDUCAÇÃO INFANTIL

Adriana de Cassia Marinho Santos	Brincando e aprendendo nos cabelos de Lelê	MG
Jaqueline de Oliveira Mascarenhas	Manguezal: um espaço de vida encanto e beleza	SC
Juliana Alexandretti Rodigheri	Quando a arte é feita com ludicidade, a adaptação acontece com tranquilidade	MT
Márcia Maria da Cunha	Construindo caminhos: identidade e autoestima nos fios do cabelo	PE
Marines Batista Motta	É meu direito comer tudo de bom	AM

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS

Adriana Ribeiro Freirias da Silva	Família para compartilhar, escola para aprender, juntas para viver!	PR
Amanda Oliveira de Souza	Projeto Brincando de Matemática	RO
Cledilma Ferreira Rodrigues	Brinquedoteca – Oxente, aqui eu aprendo brincando	PE
Gabriela de Souza Carlstrom	Árvores da minha cidade	SP
Silvia da Luz Gonçalves	Literar é só começar	GO

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS FINAIS

Bruna Loures de Araújo	Projeto Cultura de Valores – Resgatando valores	MG
Cleiton Marino Santana	Xadrez como ferramenta de inclusão social	MT
Maritsa Robeline Gomes Rodrigues	A Matemática ao nosso redor	RO
Vanessa Cristina Müller	Projeto Educacional de Remapeamento Interdisciplinar (PERI)	RS
Vanildo dos Santos Silva	Uso de materiais manipuláveis nas aulas de geometria com estudantes em situação de defasagem escolar	BA

ENSINO MÉDIO

Aldemir Maciel Filho	Projeto Ritmos da Amazônia	AC
Domingas Rodrigues da Cunha	Viva+: valorizando a vida	DF
José Kleber Andrade Lopes de Jesus	Projeto Educativo Cultural Afro Som	BA
Tatiane Kaspari	Minha vida em revista	RS
Verenice Gonçalves de Oliveira	Projeto Vó me Conta – Volume 2	MG

SUBCATEGORIA: ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL		
Alessandra Franzen Klein	Criança cidadã respeita as diferenças: alfabetizar letrando em uma proposta bilíngue	RS
Cristina Pires Dias Lins	Estereótipo de gênero-leitura, ludicidade, tecnologia, arte e trânsito como caminhos de intervenção e prevenção	MS
Edjane de Oliveira Gusmão Alves	Viajando no mundo dos livros PB	PB
Juliana Polidoro da Silva	Somos um pouco de todas nossas lembranças juntas...	SP
Wanderley Ricardo Campos	Sequência didática – Classificados RO	RO
SUBCATEGORIA: CIÊNCIAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL		
Ana Maria Pereira do Nascimento	Animais em extinção da fauna brasileira	RO
Ana Tércia Messias Bastos Dias	Célula: unidade fundamental da vida	GO
Margarete Marcia Plebani Rosa	Projeto Animais	SC
Martamiria Delmiro dos Santos	A curiosidade na aula de Ciências	PE
Roberto Leandro dos Santos	Formando pequenos cientistas no Ensino Fundamental	SP
SUBCATEGORIA: EDUCAÇÃO DIGITAL ARTICULADA AO DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO		
Irene Maria de Medeiros	O prazer de educar na arte do fazer cinema	RN
Lauriana Gonçalves de Paiva Guttierrez	Desenvolvimento de uma biblioteca virtual infantil a partir da construção/produção de textos produzidos por crianças no processo de escolarização	MG
Margarida Telles da Cruz	Projeto Eco Web	RS
Michelli Cristine Nunes Facholi Bendassolli	Método científico	MS
Roniel Sampaio Silva	Podcast café com Sociologia como recurso didático para (re)encantar educandos no processo ensino-aprendizado	RO
SUBCATEGORIA: EDUCAÇÃO INTEGRAL E INTEGRADA		
Caroline Pereira	Projeto Conhecendo Alfredo Wagner	SC
Cláudia Alves de Campos Perri	Transformando a escola... Respirando arte	SP
Olenêva Sanches Sousa	Atividades socioculturais educativas: Educação Integral e complementar à escolarização básica	BA
Shirlei dos Santos Catão	Minha escola sustentável	RR
Watson Pereira Rezende	Projeto Educando com a Horta Escolar e Gastronomia	MT

8ª EDIÇÃO – 2014

EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniele Liedtke Birck	Os bebês conhecem o mundo dos sons nos berçários de uma Escola Municipal de Educação Infantil	RS
Maria Áurea Alves Rocha	Meus avós são estrelas	TO
Maria Mara Miranda Rodrigues	Os bebês e a ação pedagógica do professor: entre experiências e possibilidades de aprendizagem no berçário	MS
Maurício Barbosa de Lima	Jogos corporais na Educação Infantil: preenchendo o espaço com o espaço com movimentos criativos	PB
Suzan Calu Esenacher	Entre luzes e sombras – A ludicidade desvelando a ciência por trás deste contraste	SP

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS

Diana Lemes Ferreira	Educação para o trânsito – A vida pede passagem: o Benguí antes e depois da Avenida Independência/Centenário	PA
Lúcia Helena Holanda Silveira	Projeto Bom de Letra	SE
Marli Pereira da Silva Morais	Mala Viajante	MG
Patrícia Regina Wanderlinde Alves	Intercâmbio cultural: viajando nas asas do conhecimento	SC
Silvia da Luz Gonçalves	Senador Canedo: um pedaço de chão goiano bom demais da conta	GO

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS FINAIS

Anderson Luiz dos Santos	Estudo da realidade local – Ações e perspectivas: o contexto sociocultural do entorno da EMEF Benedito Calixto	SP
Denise Teresinha Brandão Kern	Aprendendo a poupar	RS
Gina Vieira Ponte de Albuquerque	Projeto Mulheres Inspiradoras	DF
Jesus Venus Silva Costa	Programa Cidade Olímpica Educacional	PI
Rutemara Florencio	As revoltas sociais da primeira República no Brasil através de filmes: alunos em ação!	RR

ENSINO MÉDIO

Flávia Felipe Inácio	Cineclube Cine Teatro EIT – Cineclubismo, cultura e educação	DF
Jayse Antonio da Silva Ferreira	Eu sou uma obra de arte: etnias do mundo PE	PE
Juliana Girardello Kern	Reúso da água de condicionadores de ar para irrigar hortas suspensas	TO

Silmara Alessi Guebur Roehrig	Energia e sustentabilidade: uma abordagem interdisciplinar na perspectiva da educomunicação	PR
Soraya Amaral Nantes de Castilho	Projeto Ditão em Ação: descarte de pilhas e baterias	MG
SUBCATEGORIA: ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL		
Carla Lisiane dos Santos de Oliveira	Germinando valores	RS
Carla Maria Ribas	Releitura de obra literária	MS
Elândia Peres Rêgo	Piquenique e brigadeiro, uma receita que deu certo – Alfabetizando e letrando no universo dos gêneros textuais	PI
Lucimara Lopes França	Carta para você!	RO
Rosângela de Fátima Torres Giampietro	2013 – Ano Internacional para a Cooperação pela Água. Consumismo = desperdício: por que desperdiçar se podemos economizar?	SP
SUBCATEGORIA: CIÊNCIAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL		
Cristina Freire dos Santos Souza	Projeto Sustentabilidade: moda ou necessidade	GO
Josefa Rosimere Lira da Silva	Construindo Ciência: a experiência da produção de jogos com crianças do Ensino Fundamental I	BA
Roberto Leandro dos Santos	Fazer Ciência na escola: é investigando que a gente aprende	SP
Rosemar Aparecida Santos da Rosa	Toldo bloqueador do sol: conforto térmico e sustentabilidade	RS
SUBCATEGORIA: EDUCAÇÃO DIGITAL ARTICULADA AO DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO		
Alaide das Graças Candido Marino	Leitura de clássico brasileiro e inclusão digital – Projeto	SP
Kleiton Rocha Caminha	Rádio Capilé	MS
Lucila Diniz Malcher	Oficina de produção de videoanimação	AP
Maria de Nazaré Sousa Freires	Plugando na informação, construindo conhecimento	CE
Neusa Pedrotti Kviatkowsky	Eu faço parte dessa história	SC
SUBCATEGORIA: EDUCAÇÃO INTEGRAL E INTEGRADA		
Felipe Rodrigues Pius	Projeto Revista Diário da Sexualidade	SP
Josefa Iranilde Dantas Santana	Projeto Jogos Internos: um tesouro escondido na escola	SE
Patricia Fernandes da Costa	Projeto Brincando e Representando	TO
Roberta Konrath Schallenberger	Dando um destino certo	RS
Rosimary de Moura Rodrigues	Ler, escrever e crescer	GO

9ª EDIÇÃO – 2015

EDUCAÇÃO INFANTIL – CRECHE

Cristiane Santos de Melo	Mariene: a flor que desabrochou nossa gente!	BA
Daniele Dorotéia Rocha da Silva de Lima	Bebês curiosos por e pela natureza: do desejo infantil ao fortalecimento docente	PA
Erika Toshê Reis Kassawara Herdade	A tríade nas práticas pedagógicas do berçário: bebês, professores e famílias	MS
Maria de Fátima Batista Nascimento	Nossos pequenos jardineiros	RJ
Mariana Coral	A criança como coautora no processo ensino-aprendizagem a partir dos elementos da natureza	SC

EDUCAÇÃO INFANTIL – PRÉ-ESCOLA

Adriane Tavares Bilhalva	Porongo, do cultivo à Arte na Educação Infantil	RS
Cleide Aparecida Gonçalves de Souza	Arte colorida e sensorial com Kandinsky	MG
Josimeire Batista da Silva	Abarés do Brasil	BA
Mariana Soares Ferreira	Princesas negras	DF
Michelle Nunes da Silva	Mãos na roda: recreação inclusiva no espaço escolar da Educação Infantil	AM

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS – CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: 1º, 2º E 3º ANOS

Elaine Cristina Benteo	A agricultura familiar no combate à obesidade infantil	PR
João Marco S. Do Nascimento	Alfabetização cartográfica: localização e movimentação no espaço	SP
Maristela Carvalho Barbosa	Histórias da vovó Rufina	AM
Nathalie Sena da Silva	“Se liga” na bicharada	PE
Patricia Ramos de Freitas	Festival de Parintins: um olhar para a diversidade	DF

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS – 4º E 5º ANOS

Ana Tárzia Messias Bastos Dias	Dos filhos deste solo és mãe gentil, Pátria amada, Brasil!	GO
Anna Carolina de Oliveira Brito	Jornalistas da liberdade	RR
Francisca Deusineide dos Santos Nasario	A previsão das chuvas no campo à luz do olhar do agricultor	RN
Hecionéia Rocha Vieira Bassetto	Na trilha das autorias misteriosas	SP
Maria Cristina Fachin Liberalesso	Vem cá... Que história é essa?	RS

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS FINAIS – 6º A 9º ANOS		
Antônia de Fátima Rizzo Altoé	Arte inclusiva com pintura em tela na Escola Estadual Francisca Elzika	RR
Emanuel de Oliveira Dias	Computador não morde, ideia não se esconde	MG
Ivan Nunes Gonçalves	Matematicando, tô ligado!	RS
Lais Cecília da Silva Borges	Sedentarismo x atividades físicas: uma luta diária	GO
Ronaldo de Almeida Macedo	Minhas raízes para nunca mais esquecer	BA
ENSINO MÉDIO		
Darlete Souza do Nascimento	A visibilidade da variedade venezuelana no ensino de língua espanhola na Escola Estadual Ayrton Senna da Silva – <i>Una mirada en Santa Elena de Uairén, Venezuela</i>	RR
Fernando Nunes de Vasconcelos	Tecendo Ciência	CE
Juride Aparecida Luz de Quadros	Os “profissionais do futuro” e o desafio de uma professora como orientadora do seminário integrado: um estudo de caso em Sertão Santana	RS
María del Pilar Tobar Acosta	Heroínas sem estátua – O conhecimento a partir das mulheres	DF
Uanderson de Jesus Menezes	TV Filosofia	MG
TEMÁTICA ESPECIAL: VALORES OLÍMPICOS E ESTÍMULO ÀS PRÁTICAS DE ATIVIDADE FÍSICA		
Elaine Cristina Benteo	A agricultura familiar no combate à obesidade infantil	PR
Lais Cecília da Silva Borges	Sedentarismo x atividades físicas: uma luta diária	GO

10ª EDIÇÃO – 2017

EDUCAÇÃO INFANTIL – CRECHE

Alessandra Silva de Assis de Siqueira Pinto	A escuta das vozes infantis: registro da busca pela prática	SP
Diana Aparecida Feuser Ribeiro	“Sali, koman ouye?” Entrelaçando as culturas haitianas e brasileiras no processo de adaptação das crianças do Berçário 1	SC
Joyce Almeida de Sena	A arte colorindo a Educação Infantil no CEI Zedu	MS
Mirtes Ramos dos Santos Melo	Vou contar uma história pra tu, tá?	PE
Nubia Pereira Brito Oliveira	Cantinhos de brincadeiras e interações	TO

EDUCAÇÃO INFANTIL – PRÉ-ESCOLA

Andrea Rodrigues de Oliveira	Identidade, Arte e Literatura: uma parceria colorida	MG
Lidiane Pereira da Silva	Como nossos pais e com o jeito da nossa gente	RS
Mirian dos Santos	Projeto Cultura e Sustentabilidade	AL
Roberta Ortega Matheus	Para encontrar o azul eu uso pássaros	MS
Vanderleia de Lourdes Rodrigues Lopes de Oliveira	Meus avós na escola	RO

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS – CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: 1º, 2º E 3º ANOS

Daisy Alves Juy	Projeto Carrinhos de Rolimã: herança dos nossos pais!	MT
Gracielle Leite da Silva	Educação do Campo: um jeito de ensinar através do meio onde se vive	MG
Katia Bomfiglio Espindola	“Conta uma História?!” – Um projeto pró-inclusão escolar, literatura e acessibilidade	RS
Martamiria Delmiro dos Santos	Educação Ambiental: uso consciente dos recursos minerais	PE
Wilma Marinho Craveiro da Silva	Água: a importância do rio Cauamé para a comunidade	RR

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS INICIAIS – 4º E 5º ANOS

Caroline Pereira	As aventuras de Eva Schneider	SC
Fernanda Nicolau Nogueira	Projeto Ler, Escrever... Crescer!	RO
Lorena Barbara Santos Costa	Vem sambar e aprender – O samba como instrumento de resistência e representação da cultura afro-brasileira	BA
Raquel Lima Alves	No lugar onde eu vivo há pequenas alegrias e tudo vira poesia...	DF
Regina Celi Sekula de Miranda Basto	Identidade em ação	RJ

ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES/ANOS FINAIS – 6º A 9º ANOS		
Adalgisio Gonçalves Soares	Festival de curtas – Uma viagem às mil e uma noites de Malba Tahan	MG
Arthur Ribeiro Costa e Silva	Festa solidária: leitura, escrita e intervenção na comunidade	PA
Elisangela Marina de Freitas e Silva	História nas pontas dos dedos: a acessibilidade ao conteúdo de pré-história	SC
Erizaldo Cavalcanti Borges Pimentel	Cine com Ciência: luz, câmera... educação!	DF
Mari Cecília Silvestre da Silva	Água, fonte de vida em Redonda	CE
ENSINO MÉDIO		
Aloisia Laura Moretto	Da nascente água corrente, a história e destino de uma mina	SP
Josiane Mendes Bezerra	Fazendo e acontecendo: pesca artesanal da tainha	SC
Luana Barbiero Vieira	Projeto Interdisciplinar Caminhos da Energia	MS
Rodrigo Nobrega Martins	Revista Discentes: um sentido para a produção textual no Ensino Médio no estado do Ceará	CE
Rutemara Florencio	Processos migratórios e migrantes em Roraima: o passado cruzando o presente	RR
TEMÁTICA ESPECIAL: CONSERVAÇÃO E USO CONSCIENTE DA ÁGUA		
Adriane Gisele Sa Menezes	Lendas amazônicas: saberes culturais sobre a conservação e uso consciente da água	PA
Aloisia Laura Moretto	Da nascente água corrente, a história e destino de uma mina	SP
Avani Rodrigues dos Santos	A lagoa é nossa: abrace esta ideia!	AL
Leonardo Teruyuki Hatano	Agroubano plantando água, uma atuação na microbacia do Ipê	DF
Valter Pereira de Menezes	Água limpa para os curumins do Tracajá: prática sustentável para se ter água limpa	AM
Wilma Marinho Craveiro da Silva	Água: a importância do rio Cauamé para a comunidade	RR
TEMÁTICA ESPECIAL: ESPORTE COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM		
Alison Pereira Batista	Luz, câmera, ação! Uma experiência pedagógica com o ensino do Esporte	RN
Elinaldo Bringel de Lima	I Copa DAP de Futsal: direitos, necessidades e realizações	PE
Jairo Silva de Araujo	Step, um passo contra a obesidade infantil e o sedentarismo	AM
Shirlei dos Santos Catao	Preciosas	RR
Zenith de Fatima Pereira	Projeto Esporte e Saber: valores pra vencer!	TO

TEMÁTICA ESPECIAL: ESTÍMULO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO POR MEIO DA INOVAÇÃO		
Luana Barbiero Vieira	Projeto Interdisciplinar Caminhos da Energia	MS
TEMÁTICA ESPECIAL: ESTÍMULO AO USO DE TICs NO PROCESSO DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL		
Jayse Antonio da Silva Ferreira	Vamos enCURTAr essa história?	PE
Katia Bomfiglio Espindola	"Conta uma história?!" – Um projeto pró-inclusão escolar, literatura e acessibilidade	RS
Mari Cecilia Silvestre da Silva	Água, fonte de vida em Redonda	CE

ORGANIZAÇÃO

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – Cenpec

Coordenação Geral

Beatriz Pedro Cortese

Casos Originais

Francisca Deusineide dos Santos Nasario

“Enquanto a chuva não vem”

María del Pilar Tobar Acosta

“Respeito às meninas”

Mariana Coral

“Bebês protagonistas”

Textos

Lourdes Athié

*Capítulo “A importância de tornar pública
a experiência pedagógica”*

Maria Teresa Venceslau de Carvalho

Ricardo Roca Galhardo

*Demais textos, exceto capítulo “Três projetos
completos”*

Leitura Crítica

Silvana de Oliveira Augusto

Apoio

Joyce de Franco Alcântara

PRODUÇÃO EDITORIAL

Fundação Santillana

Equipe

André Luiz de Figueiredo Lázaro

Luciano Monteiro

Karyne Arruda de Alencar Castro

Coordenação da Produção Editorial e Edição

Ana Luisa Astiz

Texto

Sibelle Pedral

Capítulo “Três projetos completos”

Revisão

Marcia Menin e Juliana Caldas

Projeto Gráfico

Paula Astiz

Editoração Eletrônica

Paula Astiz Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prêmio Professores do Brasil : práticas para a sala de aula selecionadas
entre projetos finalistas das 10 edições da premiação. — São Paulo :
Fundação Santillana, 2017.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-63489-39-5

1. Aprendizagem – Avaliação 2. Atividades 3. Currículos –
Planejamento 4. Educadores – Formação 5. Prática de ensino 6. Prêmio
Professores do Brasil (PPB) 7. Professores – Relatos 8. Relatos de
experiências 9. Sala de aula.

17-10667

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Relatos de experiências pedagógicas : Educação 370

Prêmio Professores do Brasil 2017

REALIZAÇÃO

Ministério da Educação (MEC)
Secretaria de Educação Básica (SEB)
Diretoria de Formação e Desenvolvimento dos
Profissionais da Educação Básica (Difor)
Coordenação de Apoio a Certames e Programas
Especiais

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS EM 2017

Agência Nacional de Águas (ANA)
Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares
(Abrelivros)
Associação de Comunicação Educativa Roquette
Pinto (Acerp)
Centro de Inovação para a Educação Brasileira (Cieb)
Conselho Nacional dos Secretários de Educação
(Consed)
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior (Capes)
Fundação Itaú Social
Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho (FMSS)
Fundação Santillana
Fundação SM
Instituto Península
Instituto Singularidades
Instituto Votorantim
Intel Brasil
Organização das Nações Unidas para a Educação,
a Ciência e a Cultura (Unesco)
Organização dos Estados Ibero-Americanos para
a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)
Shell Brasil
União Nacional dos Dirigentes Municipais de
Educação (Undime)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Ministro de Estado da Educação

José Mendonça Bezerra Filho

Secretário de Educação Básica

Rossieli Soares da Silva

Diretora de Formação e Desenvolvimento dos Profissionais da Educação Básica

Silvia de Araujo Donnini

Coordenador Geral de Apoio a Certames e Programas Especiais

Joselino Goulart Junior

Apoio Técnico

Alessandra de Lima Abadias Neres
Ana Luiza de Oliveira Lima Taufick
Cristiane Ciqueira Damaceno de Paiva
Paulo Victor Rodrigues Raulino

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – Cenpec

Presidente do Conselho Administrativo

Anna Helena Altenfelder

Superintendente

Mônica Gardelli Franco

Coordenadora Técnica

Maria Amabile Mansutti

Líderes do Programa

Ana Cecília Arruda
Beatriz Pedro Cortese

Técnica do Projeto

Joyce de Franco Alcântara

Esta publicação foi composta nas fontes Bely e Tablet Gothic
e impressa com apoio da Fundação Santillana em dezembro de 2017.

Esta publicação reúne exemplos de boas práticas para a sala de aula selecionadas entre projetos finalistas das 10 edições do Prêmio Professores do Brasil do Ministério da Educação, ilustrando uma proposta de roteiro de trabalho para todos os segmentos da Educação Básica.

Esperamos que os muitos educadores que a cada dia vencem as mais diversas dificuldades em seu dia a dia se sintam encorajados a também registrar suas iniciativas – e a inscrevê-las nas próximas edições da premiação.

Boa leitura!



PARCEIROS DA 10ª EDIÇÃO – 2017



REALIZAÇÃO

